

a chama

ANO XXXV . NOVEMBRO 2008 . Nº 75 . APM DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



**AÇÃO SOCIAL
PREPARANDO
O FUTURO**



JOÃO AFFONSO SE REÚNE COM A COMISSÃO DE FESTAS



DOMINGÃO VICENTINO

Conforme foi comentado no número anterior da Revista, a Associação de Pais e Mestres (APM) se integrou à organização dos preparativos para o cinquentenário do Colégio São Vicente de Paulo, que será comemorado em 2009. Você fica sabendo como está o andamento das comissões que estão organizando a festa na matéria da seção Especial. Ano que vem será marcado, por exemplo, pela reformulação do projeto pedagógico, que já começou e contará com a participação de Professores, Alunos e Pais.

Na reportagem de capa, foi feito um retrato dos projetos sociais desenvolvidos pelo São Vicente, com depoimentos de Alunos envolvidos e do Coordenador dos projetos, Ir. Adriano, que explica a metodologia vicentina.

Como sempre, nossa Revista do segundo semestre fala sobre a Missa do Dia de São Vicente de Paulo, celebrada por cinco sacerdotes no auditório do Colégio. Nesta edição, Pe. Lauro escreveu um texto sobre os valores vicentinos aplicados no dia-a-dia do Colégio.

Você pode ler também relatos das excursões que aconteceram nesta segunda metade do ano, para Petrópolis e para o Caraça, e a história de dois ex-Alunos da escola, Luis Gauí e Rafael Szabó, que hoje são Professores da EJA.

Conheça, ainda, na seção Como se Faz, como funcionam as bibliotecas do Colégio. Na matéria sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi abordada a expansão do espaço para a ação pastoral no Colégio, através das “Noites de Formação”.

Além disso, notas sobre o Domingão Vicentino, o Sarau de Inglês, as Olimpíadas, a Festa Junina (com direito a desenhos de Alunos do Ensino Fundamental), o Dia dos Pais (o Joaquim, da APM, faz o seu relato) e muito mais!

As Cartas ganharam duas páginas e trazem o depoimento de Pais sobre o Caraça, a segurança fora da escola e a convivência da Família em Casa. A seção Arte em Pauta traz boas dicas de livro, peça de teatro e filme. Para terminar o ano bem, leia a mensagem de Natal na contra-capas.

Boa leitura e até o cinquentenário,

João Affonso

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXXV N° 75
Novembro / 2008

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

novo cep

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú, João Affonso Teixeira e Christina Barcellos

Redação e Edição: Juliana Chagas e Mariana Pombo

Revisão: Pe. Lauro Palú

Designer: Christina Barcellos

Fotos: Antonio Morais, Gilberto de Carvalho, Renata Salles, School Picture e Pe. Lauro Palú

Secretária da APM e da Redação: Ana Cláudia Simões Kanashiro

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Juliana Chagas - Mtb: 27.604/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: João Afonso de Mattos Teixeira e Solange P. de Amorim Teixeira

Vice-Presidentes: Joaquim de Almeida e Silva Neto e Sílvia de Souza Almeida

Relações Públicas: Alfredo C. B. Machado e Maria Christina C. Barcellos

Secretários: Sérgio Rojtenberg e Adriana Alencar A. do Amaral

Tesoureiros: Marcelo de A. Lima Gonçalves e Maria Elizabeth F. C. Norões

Conselho Fiscal: Lúcia Helena Cavalheiro Villela, Cláudio Coletti Júnior e Glauco José Tavares de Mello Júnior

Representantes dos Professores: Gerson Vellaco Junior e Cristina Cavalcante

Moderadores: Padre Lauro Palú e Padre Emanuel B. Bertunes

2 ESPECIAL Concretizando idéias

4 GRÊMIO Grêmio: organização e participação no CSVP

7 COMO SE FAZ Leitura que dá gosto

8 COMEMORAÇÃO Celebrando São Vicente de Paulo

10 EXCURSÕES DO COLÉGIO Viajar para aprender

13 APM Linha e agulha

14 EVENTO Linguagem e criatividade

16 CAPA Construindo e preparando o futuro

22 EX-ALUNOS Os bons filhos à Casa tornam

24 NOTAS

28 EJA Convite à Vicentinidade

30 FORMANDOS 2008

31 CARTAS

33 ARTE EM PAUTA

Concretizando idéias

As seis comissões que cuidam da festa do cinquentenário do Colégio São Vicente de Paulo já começaram a trabalhar. Conheça o que cada uma está preparando para o próximo ano.

As reuniões são cada vez mais frequentes. Desde que os coordenadores foram definidos, em agosto deste ano, os Pais engajados nas Comissões que preparam a festa de 50 anos do Colégio São Vicente de Paulo (CSVP) estão quase tão assíduos na escola quanto seus Filhos. Tudo isso para que, em março do ano que vem, quando o CSVP completa cinco décadas, aconteça uma comemoração à altura da história do Colégio. Se depender dos organizadores, nenhum detalhe será esquecido.

Início do trabalho

Logo no início do ano letivo, Pe. Lauro Palú, diretor do Colégio, mandou uma carta para os Pais convidando-os a participar das Comissões que organizariam a festa do cinquentenário. As primeiras reuniões, com dezenas de voluntários, aconteceram em abril deste ano, como lembra Graça Vasconcellos, da Coordenação Comunitária, Pastoral e Social (Compasso), que foi convidada para, junto com o diretor da escola, orientar as comissões no que fosse preciso: “No dia 15, nos reunimos com os grupos Memória e Divulgação e Cultural. No dia 16, foi a vez do encontro dos membros das Comissões Pedagógica, Aspecto Religioso e Campo Social. O último dia foi reservado para os responsáveis pelas Festas”.

Três meses depois, vendo que as Comissões ainda estavam engatinhando, foi convocada nova reunião com todos os envolvidos, que aconteceu no dia 17 de junho. Segundo Graça, o objetivo era decidir o nome dos coordenadores e vices de cada grupo, a fim de organizar melhor o trabalho, que seria

apresentado periodicamente à Comissão Central, formada por todos os coordenadores das Comissões, Pe. Lauro e a representante da Compasso. Deu certo: “Saímos desse encontro com o nome de todos os responsáveis por cada área. A partir daí, eles, por conta própria, começaram a se reunir periodicamente”.

A vontade de fazer o cinquentenário acontecer era tanta, que alguns representantes solicitaram reuniões com o Pe. Lauro ou a Graça para receber orientações mais detalhadas sobre a escola. Esse foi o caso da Comissão do Aspecto Religioso, que quis saber mais sobre São Vicente e a Família Vicentina. Atendendo ao pedido, Pe. Lauro deu uma palestra sobre a espiritualidade vicentina, convidando não só os integrantes desta Comissão, como todas as outras. Segundo Maria Tavares, coordenadora do grupo que ajudará nas celebrações litúrgicas no próximo ano, essa atividade foi fundamental: “Agora conhecemos a origem da Família Vicentina, sabemos que muitos grupos a compõem”.

No caminho certo

Em julho, aconteceu a primeira reunião dos coordenadores dos grupos com a Comissão Central. Já dava para sentir as mudanças que aconteceram em um mês. Os representantes das comissões chegaram com muitas propostas. Pe. Lauro e Graça iam, apenas, pinçando as melhores idéias e orientando sobre o caminho a seguir. No mês seguinte, aconteceu a segunda reunião, da qual os organizadores dos grupos saíram ainda mais confiantes e com a certeza de que estavam no caminho certo.



Muitas Comissões, entre elas a de Festas e a Cultural, começaram a decidir datas e a pesquisar orçamentos para seus projetos. Outras, como a Memória e Divulgação, começaram a revirar pastas e arquivos, atrás de documentos e fotos que ajudarão a contar a história desses 50 anos.

Na reunião seguinte, no dia 21 de outubro, o esboço das atividades do cinquentenário foi traçado. A Comissão Central definiu as datas de alguns eventos e acordou que a missa do dia do aniversário do Colégio (4 de abril) será na igreja São Judas Tadeu. Em outdoors ou na fachada da escola serão colocados *banners* convocando os ex-Alunos a participarem da organização das atividades e da festa.

Por dentro das Comissões

Mas afinal, o que foi decidido até agora? Bastante coisa. Mas a Comissão Central faz questão de lembrar que são idéias preliminares. Muita coisa pode ser alterada. Vai depender da sugestão de todos. E os grupos estão abertos a escutar quem esteja disposto a colaborar. De qualquer forma, as principais decisões já foram tomadas. Os coordenadores contam para A CHAMA os pontos já acordados. Leia a seguir.

FESTAS

“Demos nomes para cada uma das festas. 'Retratos do CSVP' será uma comemoração para ex-Alunos e ex-Professores com um grande café da manhã na escola, com as mesas organizadas por décadas. 'A Mágica dos Primeiros Anos' será organizada para os Alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, que vão ter um dia de brincadeiras educativas. Já as festas 'Jogar é Fundamental' – para os Alunos do 4º e 5º anos do Fundamental – e 'Competir é Saudável' – 6º ao 8º anos – terão torneios, organizados junto com a coordenação de Educação Física da escola. 'Reta Final, um momento de relax' é o nome que escolhemos para o dia dedicado aos estudantes do 9º ao 3º ano. A programação pensada inclui apresentação dos projetos culturais do São Vicente. Para finalizar a programação proposta, faremos um grande baile num clube perto do Colégio, com venda de convites. Além disso, estamos cuidando também dos coquetéis de todas as missas”.

João Affonso

SOCIAL

“Vamos, dentre outras coisas, fazer um Domingão Vicentino especial, com espaço para as crianças de até três anos de idade. A idéia é que elas fiquem nesse lugar enquanto as Mães estiverem nas oficinas”.

Andrea Tubbs

ASPECTO RELIGIOSO

“Em cada missa do Colégio, um grupo da Família Vicentina será homenageado. Na missa de bodas e aniversários do primeiro semestre, será a vez das Filhas da Caridade. No segundo semestre, das Voluntárias da Caridade. A missa de Páscoa prestará homenagem a todos os voluntários dos projetos sociais desenvolvidos pela escola. No dia das Mães, serão homenageados os ex-diretores da APM. No dia dos Pais, os Confrades Vicentinos e os Leigos Missionários Vicentinos. Na grande missa em comemoração ao

aniversário do Colégio, faremos uma homenagem aos Padres da Casa. No dia de São Vicente, aos Alunos e ex-Alunos. Teremos, também, no próximo ano, dois retiros da espiritualidade vicentina no Colégio”.

Maria Tavares

CULTURAL

“Vamos trabalhar a história oral da escola. Fazer com que ex-Alunos, ex-Funcionários, ex-Professores e a atual equipe do Colégio dêem seus depoimentos, que serão gravados em vídeo. Pretendemos avançar na digitalização do acervo. Já organizamos o concurso para o logotipo (na página ao lado) e o hino do cinquentenário.

Também vamos coordenar as apresentações dos corais e do grupo teatral do São Vicente. A idéia é que eles apresentem pequenos esquetes durante todo o ano, sempre surpreendendo o público”.

Sérgio Castiglione

MEMÓRIA E DIVULGAÇÃO

“Queremos organizar o arquivo do Colégio. E vamos fazer isso com a ajuda da Professora de História Jéssica Campos, do 3º ano, que tem experiência nessa área. Será um trabalho longo, mas pretendemos, dentro do possível, fazer pequenas exposições ao longo do próximo ano com o acervo mais importante. Temos fotos, por exemplo, que nos permitem uma organização por tema, como o dia-a-dia da escola, as festas, os saraus, os jornais dos Grêmios. Além disso, somos os responsáveis pelos *banners* que ficarão na fachada do São Vicente”.

Christina Barcellos e Joaquim Almeida

PEDAGÓGICA

“Nosso principal objetivo é o novo Projeto Pedagógico. Estamos propondo novidades em cima do documento de 1999-2000. Acrescentamos a ele algumas linhas de ação que emergiram, no dia-a-dia, com a reflexão que fazemos constantemente sobre os fatos, procurando descobrir valo-

res, novas exigências. Daremos mais destaque ao que são as forças de crescimento e as forças de resistência da presente situação do mundo que nos envolve e procuraremos valorizar os novos agentes da educação que tentamos ativar, ressaltando a parceria com as Famílias e a força da Família Vicentina e de seus projetos sociais para a Comunidade Educativa do Colégio.

A primeira versão do Projeto Pedagógico já foi entregue aos Professores, para receber suas contribuições, e será passado também aos Pais e aos Alunos. E está muito aberto às propostas e sugestões de todos, inclusive dos leitores de A CHAMA”.

Nina Maria Cunha e Pe. Lauro Palú

Ainda dá tempo de participar?

Como dissemos acima, as Comissões só fizeram o esboço do que acontecerá no próximo ano. E vão precisar da ajuda de todos para colocar todas as idéias em prática. Pais, Alunos, Professores, Funcionários e ex-Alunos que quiserem participar da organização do cinquentenário devem escolher uma das comissões, arregaçar as mangas e começar a trabalhar.

A Mãe de Matheus Cremona (T. 803) e Nicolas Cremona (T. 102), Cláudia Domingues, não perde uma oportunidade de participar das atividades do Colégio São Vicente e, de quebra, de ficar perto dos Filhos: “Eu sou muito presente na escola. Acho muito importante conhecer bem a instituição que escolhi para meus Filhos estudarem”.

Foi ela, “num lampejo de inspiração”, como gosta de dizer, que escolheu o nome de todas as comemorações organizadas por sua Comissão, a de Festas. Já Maria Tavares está estreando como voluntária nos eventos do CSVP: “Eu nunca tinha participado diretamente de nada. Mas, quando recebi a carta do Pe. Lauro, achei que era uma boa hora para me aproximar mais do Colégio. Está sendo ótimo estar na escola, conhecer as pessoas. Sinto-me útil”.

Grêmios: organização e participação no CSVP

Minigrêmio, Gregi e Greco. No Colégio São Vicente de Paulo, os segmentos são representados por um Grêmio específico. Nesta matéria, cada um deles conta o que fez em seu mandato e o que achou dessa experiência nova.



GRECO: MATEUS LABRUNIE, CAROLINA CASTIEL, HENRIQUE MALUF, JÚLIA KARAM, MARIANA CHIANCA E VICTOR POUGY. AO LADO: NANSI E JOSÉ EDUARDO, DA COMPASSO.



MINIGRÊMIO: ISABELA LACERDA, LORENZO BLOISE, CAROLINA COSTA E GIOVANNA BENCARDINO, LADEADOS POR COORDENADORES DA COMPASSO.

“Ser do Grêmio dá trabalho”, repetem os três grupos. Está enganado quem pensa que seus integrantes têm um ano fácil, por terem autorização para andar de elevador e para faltar a algumas aulas quando têm reuniões ou precisam organizar eventos. Mas agora, no final do ano, ao olhar para trás e pensar sobre o que fizeram, eles concordam mais uma vez: “Valeu a pena”. Giovanna Bencardino e Carolina Costa, da turma 503, presidente e vice-presidente do Minigrêmio, dão a sua opinião: “Foi uma das melhores experiências no Colégio. Aprendemos mais sobre o São Vicente, descobrimos lugares aqui dentro que nem sabíamos que existiam, conhecemos mais os Professores, os Funcionários e os Coordenadores da escola”.

O Minigrêmio representa os Alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A proposta principal do grupo, ao se candidatar, era aumentar as atividades extraclasse, como passeios de estudo e de lazer, e o tempo livre para pesquisas e trabalhos na sala de Informática. Giovanna explica: “Às vezes a gente fica muito carregada de matérias para estudar. Essas atividades ajudam a descansar um pouco das aulas”. Com este objetivo, em 2008, o Minigrêmio organizou a exibição de filmes para todas as séries nos últimos dois tempos de uma sexta-feira, a ida do 5º ano ao cinema durante o Festival do Rio, para assistir ‘Somos todos diferentes’, e a apresentação de peças

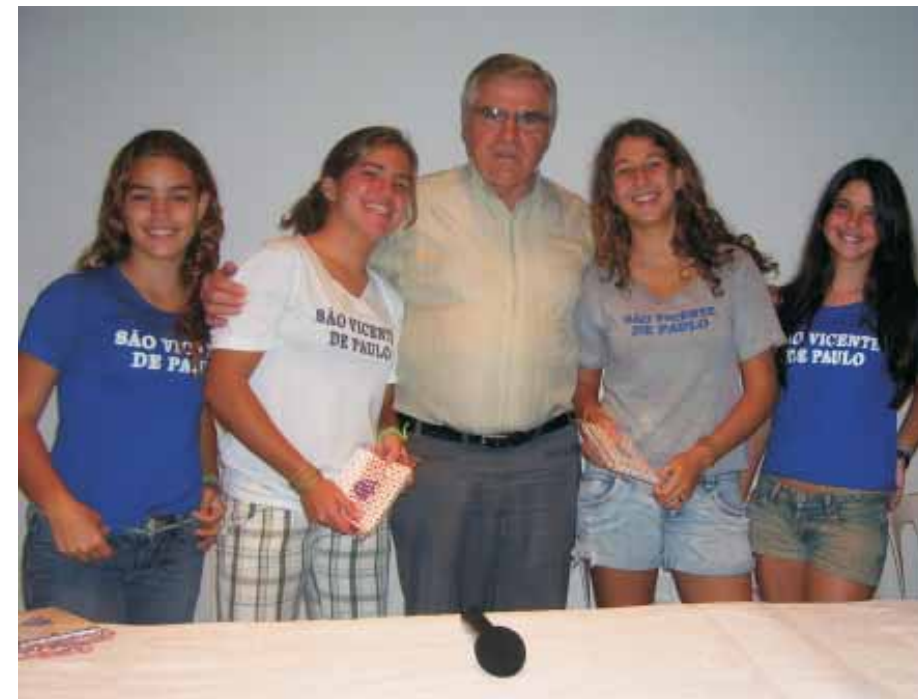
de teatro sobre os 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil.

Além dessas atividades culturais, o Minigrêmio escreveu uma página no jornal da escola ‘O Fulaninho’, contando o que fez: a gincana, que sempre acontece na Festa Junina do Colégio, e uma outra, no Dia das Crianças, ambas com brincadeiras e jogos novos. As Alunas acreditam que o seu mandato foi aprovado pelos Alunos, que já cuidam mais dos brinquedos no recreio, conforme foi pedido pelo Grêmio. “A gente tentou dar o exemplo e vir sempre aos eventos, como a Feira de Linguagem e o Domingão Vicentino. Aprendemos muito, principalmente a ter responsabilidade”, conta Carolina, acrescentando que o Grêmio tem um caderno onde anota o que é conversado nas reuniões com a Compasso, o que precisa ser feito e os recados importantes a serem passados para as turmas. Até o fim do mandato, o Minigrêmio ainda pretende colocar mais brinquedos na hora do recreio, como bambolês, cordas e elásticos, expor em um mural os troféus que o Colégio ganhou e organizar uma atividade mais descontraída nos últimos dias de aula, como amigo oculto e outras brincadeiras.

Semana Cultural

A ampliação e diversificação dos eventos culturais no Colégio também foi o foco do mandato do Gregi, Grêmio do 6º ao 8º ano, formado por Alunos da turma 802. “No ano passado quase não houve atividades culturais e, quando aconteceram, foram no final do ano, quando ninguém mais vinha à aula. Então, a gente queria fazer mais coisa legal”, diz Anna Luisa Delambert, responsável pela Administração. Fernanda Libman, da Política, acrescenta: “E abrir mais espaço para os Alunos participarem dos eventos culturais do Colégio. A gente ouviu o que eles esperam e tenta organizar atividades diferentes das aulas”.

Neste ano, além de inovar na gincana da Festa Junina com circuito de



GREGI: ANNA LUISA DELAMBERT, ANNA LANDIM, CECI DA CUNHA E FERNANDA FONSECA, COM O PE. LAURO.

“Foi uma das melhores experiências do Colégio. Aprendemos mais sobre o São Vicente”

MINIGRÊMIO

provas e concurso de melhor casal caracterizado, o Gregi conseguiu antecipar a Semana Cultural para outubro e ampliar para cinco o número de dias de atividades: “É a primeira vez que o evento dura a semana inteira. Também conseguimos aumentar para uma hora o tempo do recreio”. De segunda a quinta, houve oficinas de arte, das quais todos os Alunos puderam participar: teatro, dança e capoeira, origami e biscuit, música. Na sexta-feira, foi apresentada uma peça sobre sexo e drogas, seguida de debate. Durante a Semana, o Gregi também montou uma barraca para vender camisetas do evento. Segundo Anna Luisa e Fernanda, as vendas foram boas e os Alunos frequentaram bastante as oficinas: “A gente estava com medo de ninguém gostar, mas as pessoas participaram mais do que esperávamos”.

O Greco, Grêmio do 9º ano e do Ensino Médio, também caprichou na Semana Cultural de 2008, ocorrida no

recreio das aulas. Cada dia teve como tema um dos cinco continentes e foram trazidos para o Colégio seus ritmos, suas danças e manifestações culturais e seus pratos típicos. Foram distribuídos brindes que representassem as partes do mundo, como leques e faixas de karatê no dia asiático e colares e anéis, no africano. Também foram vendidas camisetas da Semana Cultural. Já na Festa Junina, o Greco conseguiu arrecadar uma tonelada de alimentos, a maior quantidade de todos os anos, que foi doada a comunidades carentes.



CERIMÔNIA DE POSSE DOS GRÊMIOS



DEBATE COM CANDIDATOS A PREFEITURA: CHICO ALENCAR, FERNADO GABEIRA, EDUARDO SERRA E ALESSANDRO MOLON



ALUNOS LOTAM O AUDITÓRIO DO CSVP

Semana Política

Nos dias 1 e 2 de setembro, o Greco organizou no São Vicente dois debates, um com candidatos a prefeito e outro com candidatos a vereador, para ajudar os Alunos a votarem mais conscientes nas eleições de outubro. No primeiro dia, compareceram à escola Alessandro Molon (PT), Chico Alencar (PSOL), Eduardo Serra (PCB), Fernando Gabeira (PV) e um representante de Jandira Feghali (PC do B). Mais de 300 pessoas, dentre Alunos, Pais e Professores, lotaram o auditório.

Os Alunos do Greco são do 1º ano do Ensino Médio e não ainda podem votar. Mesmo assim, reconhecem a importância desse tipo de evento no CSVP. “Os Alunos fizeram perguntas inteligentes sobre as propostas dos candidatos”, conta Victor Pougy, da área de Política. Mateus Labrunie, de Esporte, completa: “Todo mundo gostou muito. Os próprios candidatos elogiaram a nossa iniciativa de abrir espaço para melhorar a consciência política dos Alunos”.

No dia seguinte, estiveram presentes os candidatos a vereador Alexandre Magno (PCB), Andrei Bastos (PPS), Dudu Sandroni (PSDB), Eliomar Coelho (PSOL), Ingrid Gerolímich (PT), Paulo Maia (PPS), Ricardo Cappelli (PC do B) e Rogério Bittar (PMDB). O Greco também organizou uma simulação da eleição para prefeito, para saber quem ganharia com os votos dos Alunos do São Vicente. O resultado foi empate entre os candidatos Gabeira e Molon.

Carolina Castiel, responsável pelo Social, comenta que foi preciso muita dedicação dos integrantes do Greco para que todos os eventos do ano dessem certo: “Quando eu não era do Greco, achava que tudo acontecia como mágica. Agora vi que o Grêmio se esforça muito. Mas vale a pena só pela sensação de ver que tudo aquilo aconteceu graças a nós”. Victor concorda que a experiência é gratificante: “A gente entende como as coisas funcionam, como tudo se completa: a Manutenção, a Coordenação, o Audiovisual”.

Confesso que no começo do ano não pensava em criar uma chapa

Para mim, isso era tarefa para Alunos mais velhos, mais envolvidos com a escola. Porém, nenhuma chapa se candidatou. Eu, que só pensava em me envolver mais no 2º ano, conversei com amigos e amigas e resolvemos formar uma chapa.

Fomos eleitos; a primeira chapa do São Vicente com componentes apenas do 1º ano. Aonde quero chegar é que, antes mesmo de sermos eleitos, venho percebendo uma falta de interesse dos Alunos em participar de atividades que exijam trabalho e compromisso. A participação no Grêmio requer compromisso, trabalho e, acima de tudo, vontade. Fazemos tudo isso com um único propósito: o reconhecimento do nosso trabalho. Isso se mostra através da felicidade e do aprendizado que os Alunos ganham com os debates e apresentações e também do sentimento de realização, quando tudo que foi planejado dá certo.

Com estes pensamentos, elaboramos nossas metas. Uma delas foi a abertura do Grêmio: tentar fazer com que os Alunos participassem mais, dessem idéias e ajudassem na realização delas; afinal, esse é o

princípio básico da existência do Grêmio. Porém, isso se mostrou mais difícil do que eu imaginava. Talvez por minha mãe ser ex-Aluna do São Vicente e eu sempre ter ouvido histórias sobre as atividades que aconteciam antigamente no Colégio, eu tenha esta imagem de que é possível ser feito muito mais do que acontece hoje em dia, e que essa vivacidade só pode ocorrer com a participação efetiva dos Alunos; mas, como disse, dá trabalho.

Talvez por serem da “geração do computador”, onde tudo o que se quer é feito com um clique do mouse, as pessoas não têm paciência com processos lentos de criação e organização e, muito menos, com os processos burocráticos exigidos pelo Colégio. Quanto a isso, fico na expectativa e faço a minha parte. Só lamento que muitas pessoas percam a oportunidade de se envolver com o Colégio, pois é uma experiência maravilhosa e um aprendizado que levarei pelo resto da vida. Baterei no peito e direi “Fui do São Vicente”, e não “Passei pelo São Vicente”.

Mateus Lino Labrunie, turma 1º C

Leitura que dá gosto

As bibliotecas Menino Maluquinho e Professor Jorge Luiz têm 25 mil títulos à disposição dos Alunos, Professores e Funcionários do Colégio São Vicente de Paulo. Os leitores também contam com três salas de estudos e computadores para pesquisa na Internet.

É quase irresistível ir ao 3º andar do Colégio São Vicente de Paulo (CSVP) e não entrar na Biblioteca Jorge Luiz. Isso porque o espaço conta com um acervo que é referência para Alunos, Professores e Funcionários do Colégio. Há sempre um livro novo esperando os leitores. A biblioteca conta ainda com revistas, que ficam expostas logo na entrada.

A CHAMA está sempre lá, em destaque. Há também três salas de estudos e três computadores, onde os estudantes podem realizar pesquisas na internet ou procurar alguma publicação do acervo.

Entre clássicos da literatura brasileira, publicações sobre o Rio de Janeiro, dicionários e enciclopédias, estão as simpáticas Funcionárias que cuidam do acervo: Maria Teresa Guedes, coordenadora das bibliotecas do São Vicente, responsável pela escolha e aquisição das obras; Carolina Breviglieri, bibliotecária que faz a catalogação de tudo, além de ajudar os Alunos em suas pesquisas; Mônica Silva, auxiliar que cuida da retirada e entrega dos livros; e Noêmia Bittencourt, pedagoga que fica na parte da noite e recebe os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A professora Mônica Albertino, especializada em Literatura Infante-Juvenil, fica na outra biblioteca da escola, a Menino Maluquinho, que atende aos pequenos – do 1º ao 5º ano.

Incentivando a leitura

Para que os Alunos do São Vicente tomem gosto pela leitura logo cedo, a

escola criou um espaço especial para os estudantes do 1º ao 5º ano, como explica Maria Teresa, que também é coordenadora dessa biblioteca: “Esse ambiente é mais uma sala de leitura para sensibilizar os Alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, que vão a essa biblioteca uma vez por semana para escutar as histórias contadas pela Mônica. Por isso, preparamos um espaço lúdico, para que os pequenos descubram na leitura um prazer”.

Os “maiores”, como a coordenadora gosta de dizer, também têm tratamento especial para que continuem a ler cada vez mais. Maria Teresa, junto com os Professores de Português e Literatura do Colégio, criou o projeto Ciranda de Livros: “Cada série tem uma caixa com livros bacanas para a faixa etária e para a proposta pedagógica da escola. Essa leitura é trabalhada em sala de aula no momento em que a caixa sai da biblioteca para lá. Então, acontece uma roda de leitura e os Alunos podem depois trocar os livros entre si”.

Todo ano são acrescentados a cada caixa mais quatro livros, que são adquiridos com uma verba doada pela Associação de Pais e Mestres (APM). Cada publicação da Ciranda pode ficar um mês com o Aluno, diferentemente dos demais livros, cujo prazo é de dez dias úteis.

Além disso, a biblioteca premia – com um livro – os Alunos que mais leram no ano: “Começamos a fazer isso no ano passado e deu certo. Este ano, vamos presentear sete estudantes”, conta Maria Teresa.

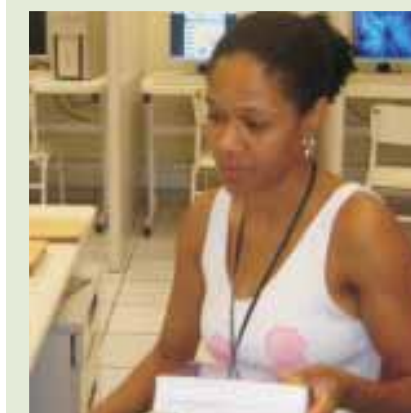
Gente nova

Desde maio, duas novas Funcionárias passaram a fazer parte da equipe das bibliotecas do São Vicente. Trata-se da bibliotecária Carolina Breviglieri, a Carol, e da auxiliar de biblioteca Mônica Silva. Veja o que elas estão achando do Colégio.



“É a primeira vez que atuo como responsável pela catalogação de um acervo e estou adorando. Trabalhava em empresas e descobri minha vocação aqui na escola. O mais gratificante é ver o desenvolvimento dos Alunos”.

Carol Breviglieri, bibliotecária.



“Gosto muito da área da Educação, pois sou formada em Pedagogia. Quando conheci a biblioteca do São Vicente, me apaixonei por ela. Estou adorando trabalhar aqui. Identifiquei-me muito com o Colégio e com os Alunos”.

Mônica Silva, auxiliar de biblioteca.

Celebrando São Vicente de Paulo

Cerca de 200 pessoas compareceram à missa em homenagem ao patrono do Colégio. Coral Amigos de São Vicente anima a participação de todos.

A manhã do dia 28 de setembro começou agitada no prédio da rua Cosme Velho, 241. Um pouco antes das 10h, cerca de 200 pessoas se dirigiam ao auditório do 4º andar. Eram Alunos, Professores, Funcionários, Pais e demais membros da Família Vicentina, como a Associação São Vicente de Paulo e as Voluntárias da Caridade. Motivo de tamanha movimentação? A missa celebrada em homenagem a São Vicente de Paulo, que foi presidida pelo Padre Lauro Palú, Diretor do Colégio. Junto com ele, participaram da celebração mais quatro sacerdotes: Emanuel Bertunes, Diretor Administrativo da escola; Eduardo Raimundo dos Santos, Geraldo Barbosa e Efigênio José Costa. Todos os Padres são da Província Brasileira da Congregação da Missão, à qual o Colégio está vinculado.

Segundo Maria Tavares, Mãe de Helena Serpa (2º Ano, Ensino Médio) e Miguel Serpa (T. 403, Ensino Fundamental) e coordenadora da Comissão das Celebrações Litúrgicas do Cinquentenário do Colégio, a missa foi muito emocionante: “Gostei muito da fala do Pe. Lauro sobre São Vicente de Paulo. Ele explicou que a escola é uma das missões vicentinas mais importantes. Disse que o ‘pobre’ aqui é aquele Aluno que fica no canto e que o Professor, movido pela espiritualidade vicentina, está sempre junto e busca ajudar”.

Coral faz homenagem ao santo

São Vicente – um francês que nasceu pobre, foi pastor de ovelhas, sacerdote, fundador de diversas obras de caridade, sendo canonizado em 1737 – foi homenageado por meio das canções escritas pelo Pe.

Lauro e apresentadas pelo Coral Amigos de São Vicente. Segundo o Diretor da escola, é muito gratificante elaborar letras para as liturgias: “A composição de textos litúrgicos foi um dos meus apostolados, ao longo da vida, pois já publiquei vários LPs e muitos CDs. Gosto de cantar coisas que escrevi e só entrego a letra ao compositor quando estou contente de poder rezar e cantar aquilo que escrevi. Muitos textos escrevi antes das músicas, dando aos meus parceiros de criação uma orientação para suas inspirações. Outras vezes recebi primeiro a música e criei os textos para elas. Não sei o que é mais difícil para mim, pois tenho muito gosto, nos dois casos. Na missa de São Vicente, os Corais cantaram algumas músicas com textos que foram escritos por mim para a Aclamação ao Evangelho, o Ofertório, o Cordeiro de Deus e o Canto de Comunhão”.

Conheça algumas das canções

OFERTÓRIO

Trago ao altar pão e vinho e vou consagrar
minha alegria de trabalhar.

**Tudo o que a terra produz, desde a flor,
é dom que trago ao Senhor.**

**Tudo o que a História produz, desde a dor,
eu ofereço ao Senhor.**

Luta dos homens por uma vida melhor,
gesto que busca o Amor maior.

Fidelidade, esperança e gesto de amar,
gosto e vontade de perdoar.

CORDEIRO DE DEUS

Cristo, pedra angular, tira a fraqueza do mundo!

Cristo, peixe prateado, tira a fome do mundo!

Cristo, pastor do tempo, tira a maldade do mundo!

Cristo, filho do homem, tira o egoísmo do homem!

Cristo, irmão do homem, tira o medo do homem!

Cristo, sustento do homem, dá-nos o pão da paz!



CORAL AMIGOS DO SÃO VICENTE HOMENAGEIA O SANTO PROTETOR DO COLÉGIO



A importância de São Vicente de Paulo

São Vicente de Paulo é chamado um dos Pais da Igreja Moderna, pela grandeza de seu espírito, pela abertura missionária do seu coração, pela coragem de ver os problemas sociais e de organizar e liderar pessoas de boa vontade, pondo-as a serviço dos mais necessitados numa sociedade (a França no século XVII) atormentada por guerras, fome, doenças, epidemias e conflitos de todo tipo. Como estes problemas persistem até hoje, o carisma de São Vicente é sempre atual. Nosso Colégio, posto sob sua proteção iluminada, quer dar continuidade aos seus esforços e realizar o que sonhava em seu tempo, vendo que é preciso gente que trabalhe no seu espírito, apóstolos e missionários, continuadores generosos e corajosos.

Queremos formar agentes de transformação social. São Vicente nasceu pobre e queria subir na vida e para isso era capaz de tudo. Mas descobriu um ideal para sua vida, ao ver por toda a parte os Pobres, abandonados e sem ajuda. Para ajudá-los, fundou as Voluntárias da Caridade, os Padres e Irmãos de sua Congregação, as Filhas da Caridade. Nele se inspiraram centenas de movimentos e associações, que vivem de seus ideais e realizam os mesmos projetos de ajuda e promoção das pessoas. A Família Vicentina é formada também pelos milhares de nossos Alunos e ex-Alunos. Para nós, o nome de São Vicente não é uma tabuleta comercial: é sim uma bandeira de luta, um desafio, um projeto de vida.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Viajar para aprender



Para uns, a primeira viagem com o Colégio. Para outros, a última. No segundo semestre de 2008, o 4º ano do Ensino Fundamental foi a Petrópolis conhecer um pouco da sua história e o 3º ano comemorou no Caraça a conclusão do Ensino Médio.

As excursões de mais de um dia do Colégio São Vicente de Paulo começam no 4º ano do Ensino Fundamental, quando os Alunos passam um final de semana em Petrópolis. Este ano, a viagem aconteceu em julho. Na Cidade Imperial, os Alunos visitaram pontos turísticos importantes, como o Palácio de Cristal, a Catedral de São Pedro, o Museu Imperial e a Casa de Santos Dumont. A Professora Isabel Cabrera, que os acompanhou, avalia muito positivamente o passeio: “Durante os dois dias as crianças tiveram oportunidade de interagir entre elas e com os adultos que as acompanharam de modo mais informal, proporcionando um estreitamento de laços. Foram dois dias, também, muito ricos em aquisição de conhecimentos históricos e geográficos”.

Amadurecimento

Para muitos Alunos, como Fernanda Chazan, a viagem a Petrópolis com o São Vicente foi a primeira que fizeram sem a Família. “Certamente uma oportunidade de amadurecimento”, diz Isabel. Fernanda também acha importante viajar só com a escola: “É bom, porque quando a gente for mais velho já vai ter experiência e saber como se comportar nas viagens”. Ela conta que a visita ao Museu Imperial foi o passeio de que mais gostou: “Adorei andar de pantufas, dava para escorregar. Também descobri que o Imperador usava camisola. Muito estranho para um homem”. Segundo ela, a convivência entre os Alunos também foi boa: “Todo mundo se entendeu. Não tínhamos intimidade com as outras turmas, mas lá, à noite, ficávamos conversando juntos”.

Despedida

Enquanto para o 4º ano as viagens com o Colégio estão apenas começando, para os Alunos do 3º ano do Ensino Médio o clima da excursão é de despedida do São Vicente. Pelo quinto ano consecutivo, o destino escolhido foi o Parque do Caraça. A viagem aconteceu entre os dias 11 e 15 de outubro. Este ano, porém, houve uma novidade: os Professores de História, Geografia, Biologia e Sociologia acompanharam o grupo e deram início a um projeto interdisciplinar, que começou no trajeto do CSVP ao Caraça, onde foram mostrados aos Alunos pontos importantes de urbanização e favelização. Na opinião do Professor de Geografia Alexandre Junqueira, Coordenador do projeto, a viagem foi muito produtiva: “Nós não fomos apenas para confraternizar, mas fizemos uma

atividade interdisciplinar muito rica”.

No Caraça, também houve uma programação de duas trilhas por dia, com o acompanhamento dos Professores. O objetivo era que os Alunos aprendessem sobre os biomas, a fauna, a flora e a história locais. À noite, era organizada uma mesa-redonda para todos discutirem sobre o que tinham visto e também para aguardarem a chegada do lobo-guará, que é a grande atração noturna do lugar.

Alexandre conta que a aprendizagem nos passeios é grande e que já houve ano em que os Alunos resolveram questões de vestibular a partir do que

observaram nas caminhadas ecológicas: “Acho fundamental nossa instituição de ensino usar um lugar como o Caraça como centro de estudos. A viagem cria um efeito multiplicador, pois os Alunos podem repassar o que viram aos amigos e à Família”.

A Aluna Isabel Lima também aprova o projeto interdisciplinar: “O entusiasmo dos Professores era contagiante e o programa de passeios foi ótimo. Fiquei muito feliz de ter a oportunidade de me aproximar dos Professores e descobrir que são pessoas maravilhosas, com quem se tem muito a aprender”. Ela considera im-

portante essa última viagem do 3º ano: “Além de um espaço para descansar da pressão do vestibular, é uma viagem importante no exercício da vivência em grupo. Algo essencial, já que é muito mal trabalhado na sociedade atual”. Para Alexandre, o papel dos Professores nessa viagem foi justamente o de ajudar os Alunos a viverem coletivamente, compartilhando o mesmo espaço: “A nossa relação com eles foi de estímulo à reflexão. A nossa participação na viagem é uma forma de energizá-los para o fechamento de um ano muito difícil, com concursos e decisões sérias sobre a vida”.

Perspectiva

Onze de outubro. Sete horas da manhã. Finalmente colocaríamos em prática tudo aquilo que vínhamos planejando desde abril, quando nós, Professores, junto com Pe. Lauro, fomos ao Caraça para prepararmos esta viagem. Em algumas horas nosso cotidiano “urbano-carioca” seria trocado por um esplendoroso contato com a natureza. Porém, não poderíamos deixar de atentar para as evidências do trajeto que, começando pelo Cosme Velho até chegar a Minas Gerais, nos revela muito da história de nosso estado e de nosso país. Assim, seguimos pelo caminho observando os cenários que nos rodeavam, a beleza da paisagem, a desigualdade que nos assola e a degradação ambiental que nos amedronta.

A tarde cai e, após algumas boas horas de viagem, avistamos embevecidos as imponentes montanhas do Caraça. Ufa! Enfim chegamos. Após nos acomodarmos, chega a hora do jantar. Todo mundo descobre que a batata frita do Caraça é irresistível e, assim, percebemos também que as calorias gastas em todas as caminhadas são logo recuperadas por conta da quantidade de tentações que incluem o café da manhã fabuloso. Todos satisfeitos?! É hora de ver o lobo-guará, que vem nos visitar todas as noites. Coberto com seu manto tecido com fios de ouro solar, ele chega medroso, mas com o vigor pungente de quem sabe ser majestoso. Come e se despede junto com a noite.

As seis badaladas do sino anunciam a hora de acordar. Quem disse que acordar 63 meninos e meninas seria tarefa fácil? Bate aqui, fala dali, insiste acolá e finalmente partimos para as nossas primeiras trilhas: Cascatinha e Banho do Belchior. Todos voltam felizes e saltitantes, afinal, trilha tranquila, banho gostoso... À noite é hora de mesa-redonda em frente à Igreja, para conversarmos sobre o que observamos ao longo do caminho e sobre o Caraça em seus aspectos ambientais, históricos e sociológicos.

É meia-noite e em seis horas todos deverão estar novamente acordados. Mais uma luta para dormir. Outra para acordar. Todos finalmente de pé seguem para a trilha da cachoeira da Bocaina: percurso mais longo, que nos convida a um contato mais profundo com a natu-



PROJETO INTERDISCIPLINAR: ALEXANDRE JUNQUEIRA (GEOGRAFIA), MÁRCIA PEREIRA (BIOLOGIA), WAGNER PINTO (HISTÓRIA) E RENATA SALOMONE (SOCIOLOGIA)

reza, o que nos faz pedir silêncio, para que entremos na floresta como quem entra no útero do mundo. Uma luz alva e suspensa abre os caminhos, nos levando a observar plantas de vários tamanhos e tipos, casas esculpidas com saliva de cupim, pássaros abertos em oblíquo vôo. E sentimos também a diferença do ar da floresta madura, que deixa nosso corpo inteiro perfumado por dentro. Após algum tempo de trilha, o sol começa a mostrar seu vigor e todos começam a aparentar cansaço. Depois de muito esforço, a recompensa: um pequeno paraíso com águas frias e renovadoras. À tarde, fomos aos Tabuões, onde pudemos curtir o final do dia. Enfim anuncia-se o crepúsculo e todos, cansados, se perguntam como agüentarão a trilha do dia seguinte para a Cascatona. Na manhã que se segue, nos dividimos e fizemos caminhos diferentes: Tanque Grande, Cascatona, piscina...

Fazendo um balanço, vemos que a viagem, de uma forma geral, foi muito boa. Aproximamo-nos mais de alguns, nos afastamos de outros e nos reaproximaremos na certeza de que todos aprendemos mais como é a vida em grupo e como podemos nos ultrapassar, não perdendo as idiosincrasias, mas aprendendo, às vezes, a abdicar de nós para sermos mundo. Termina com uma frase do sociólogo português Boaventura de Souza Santos para que possamos refletir: “As pessoas e os grupos humanos têm o direito a serem iguais quando a diferença os inferioriza e o direito a serem diferentes quando a igualdade os descaracteriza”.

Renata Salomone, Professora de Sociologia

Saldando a dívida

A despeito de ser feita há anos, para muitas pessoas ainda soa inusitada a proposta do Colégio São Vicente de Paulo de levar a nós, Alunos do 3º ano, ao Santuário do Caraça, quando a maior parte dos colégios cariocas opta por hotéis-fazenda ou balneários do estado do Rio como proposta de comemoração do fim do Ensino Médio. A idéia de quase 70 jovens reunidos por quatro dias ao redor de uma igreja neogótica encravada em uma serra, convivendo num ambiente que convida ao silêncio e à introspecção, nem de longe soa como uma situação óbvia para os nossos tempos.

Durante a viagem de ida, Pe. Lauro nos contou que nosso Colégio foi, em parte, construído com dinheiro vindo da venda de madeira cortada das árvores do Caraça, há quase cinquenta anos. “O São Vicente tem uma dívida moral imensa com o Caraça”, ele completou, e começamos todos a entender um pouco da razão de estarmos ali, naquele momento, e não surfando em Angra dos Reis. O vínculo que existe entre as duas instituições de ensino (afinal, o Caraça foi, durante a maior parte de sua existência, um colégio seminário) é a ponte perfeita para que nós, Alunos que vivenciam o dia-a-dia caótico de uma cidade

em crise, tenhamos um momento de reflexão, processo fundamental da Educação. O ato de vivenciarmos o Caraça salda a prestações mínimas (uma por aluno) a tal imensa dívida a que se referiu o Pe. Lauro na sua explicação, ao trazer para o cosmopolitismo carioca um pouco do pensamento cuidadoso e sereno característico dos ex-Alunos do seminário mineiro.

Tendo vivido durante quatro dias o cotidiano absolutamente atípico de fritar alguns ovos no café da manhã, andar por trilhas o dia inteiro e à noite dormir cedo, voltamos revigorados para a massacrante rotina destes últimos meses do ano, em que uma montanha de provas de vestibular nos espera. De volta outra vez, chegamos ao Rio como grupo mais coeso, no sentido de que pudemos conhecer melhor cada um de nossos colegas de excursão. E, sem pesar nenhum, podemos dizer que agora também somos devedores do Caraça, após termos roubado de lá um punhado de fotografias, um pouco de poeira nos nossos sapatos e diversas recordações memoráveis.

Breno Góes, turma 3º A

Viagem a Petrópolis

Dia 5/7, minha turma (403), mais outra turma da minha série (404), fomos a uma viagem a Petrópolis. Íamos passar uma noite lá. Não fomos apenas passar uma noite, mas sim conhecer vários lugares legais, como a Casa de Santos Dumont, restaurantes para almoçar, várias lojinhas e bazares.

Fomos também ver um teatrinho bem interessante, que variava entre a água e uma grande casa, ou seja, às vezes passavam uma parte da peça na água, usando um projetor de imagens, e a outra parte da peça pelas sombras das pessoas na janela. Foi muito divertido.

Na Casa do Santos Dumont, nós vimos muitos de seus projetos. Foi demais! Nós voltamos e eu achei essa viagem... o máximo!

Amanda Cabral, turma 403



ALUNOS VISITAM A CASA DE SANTOS DUMONT E O PALÁCIO DE CRISTAL (ABAIXO)



APESAR DO FRIO, AS CRIANÇAS APROVEITAM A PISCINA DO HOTEL

Linha e agulha

Há 14 anos, o Colégio São Vicente de Paulo ajuda a tecer o futuro de homens e mulheres que buscam uma nova profissão. O Projeto Corte e Costura já formou cerca de 240 Alunos e Alunas.

É no meio de agulhas e aviamentos que a costureira Lúcia Justino ensina, há mais de uma década, um novo ofício às pessoas que a procuram no Colégio São Vicente de Paulo (CSVP). O Projeto Corte e Costura, patrocinado pela Associação de Pais e Mestres (APM), foi uma iniciativa do antigo diretor do Colégio, Pe. Almeida, que, em 1994, convidou Lúcia para levar sua idéia adiante: “Naquele ano, a Professora de corte e

costura que iniciou o projeto saiu no primeiro semestre. Então, como ela ensinava a modelagem usando o esquadro tecnimod, Pe. Almeida pediu indicação de um Professor à única loja que vendia esse material. Eles deram o meu telefone, fui contratada e não sei mais do São Vicente”, conta ela que, antes de ir para o CSVP, dava aulas na sua própria casa, em Jacarepaguá (RJ).

A Professora usa o esquadro até hoje nas aulas: “É a maneira mais fácil para tirar um molde. Ele permite que o Aluno marque o busto, o comprimento da roupa, a cintura, o quadril, enfim, todas as partes de uma vestimenta. Com apenas um esquadro, dá pra fazer todo o vestuário: desde uma saia reta até um blazer e calça social”.

No curso, que vai de fevereiro a dezembro, Lúcia ensina também como instalar máquinas de costura e, até mesmo, a confecção de vestidos de festa: “Depois de mostrar-lhes como mexer nos equipamentos, eles aprendem a fazer pequenos consertos, como bainhas e colocação de fecho

éclair e botões. Depois, passamos para a costura de saias e blusas e, por fim, de roupas de festa”.

Nestes 14 anos, já passaram pelas aulas de Lúcia cerca de 240 Alunos. De acordo com a costureira, o material principal, como linhas e agulhas, é oferecido pela APM: “Os Alunos só compram o tecido, já que as roupas feitas por eles são para uso próprio”.

Além das portas do Colégio

Os Alunos de corte e costura do São Vicente costumam, segundo Lúcia, trabalhar por conta própria depois do curso. “Capacitamos as pessoas para que realmente possam ter a costura como sua profissão. E muitos dos nossos Alunos já fazem consertos e confecções de roupas profissionalmente. Atualmente, posso citar meus Alunos Isaías, que já costura para fora, e a Lidiana, que trabalha numa confecção”.

Para Izabel Lima, que entrou no curso no final de agosto e é Aluna do 2º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA), aprender a costurar será a realização de um sonho e a oportunidade de um novo trabalho: “Voltei a estudar depois de 20 anos. A Professora de Religião da EJA, Maria Amélia, me indicou dois cursos: o de pintura, que já terminei, e o de costura, que estou começando agora. Pretendo, mais tarde, trabalhar como costureira. Na terceira aula, fiz meu primeiro molde. É um vestido que eu mesma desenhei”.



PROFESSORA LÚCIA ENSINA ALUNAS A COSTURAR

Reproduzindo o saber

“Cheguei ao Rio de Janeiro em 2006 e, na escola onde terminava o Ensino Médio conheci uma amiga que me indicou o curso de corte e costura do Colégio São Vicente de Paulo. Como precisava trabalhar, procurei a escola e comecei a aprender a modelar com a Professora Lúcia. Depois de seis meses, consegui um emprego como costureira e tive que deixar o curso. Em 2007, consegui um emprego com carteira assinada em uma confecção de roupas femininas. Alta costura. Decidi voltar para o São Vicente e me aperfeiçoar. Estou trabalhando em cima dos moldes. Agora, penso em voltar para meu estado, Pernambuco, e ficar junto da minha Família. Por isso, a Lúcia está me preparando também para dar aulas. É uma forma de eu ter um emprego e passar para outras pessoas o que aprendi aqui”.

Lidiana Maria de Moura, Aluna do Projeto Corte e Costura





PAIS E ALUNOS PASSEIAM PELA EXPOSIÇÃO DE LIVRO



ALUNOS DO 9º ANO (FERNANDA DE ROSA NO MEIO) HOMENAGEIAM "ÁS MIL E UMA NOITES"



OFICINA DO 1º ANO EF: EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO



2º ANO EF CANTA COM O ESCRITOR MÁRCIO TRIGO

Na feira do segundo semestre, os Alunos do São Vicente criaram trabalhos para expressar a linguagem: escrita, oral, corporal, gráfica ou uma combinação de suas formas. O evento aconteceu no dia 20 de setembro.

Após o sucesso da Feira de Qualidade de Vida, ocorrida no primeiro semestre de 2008, chegou a hora da segunda feira tradicional do Colégio São Vicente de Paulo, a de Linguagem. Dessa vez, foi a partir de temas propostos nas aulas de Língua Portuguesa, Literatura, Artes, Música, História e Geografia que os Alunos produziram seus trabalhos. O pátio e as salas da escola foram ocupados com barracas, cartazes e maquetes. Houve também encenações teatrais e apresentação de vídeos e de música.

No pátio do Colégio, a feira convidava os visitantes a interagirem: além de origami e RPG, foi organizada uma oficina de educação para o trânsito. Os Alunos do 1º ano do Ensino Fundamental construíram maquetes e cartazes com dicas e advertências sobre como se comportar no trânsito. Também foi criada uma brincadeira onde, em ruas desenhadas no chão, os

Linguagem e criatividade

Alunos exerciam os papéis de motorista, pedestre e guarda. O objetivo, segundo a professora Paula Sá, era simular o trânsito na cidade e avaliar se os Alunos respeitavam as placas e o semáforo de madeira usado no jogo: “A idéia é ensinar as regras de trânsito às crianças desde pequenas, para que se tornem motoristas e pedestres conscientes no futuro”.

Além da interação, um segundo convite era feito aos visitantes: à leitura. No centro do pátio, foi montado um espaço onde Alunos, Pais e convidados podiam comprar livros. Exemplares da Revista A CHAMA de 1973 a 2008 também foram expostos, para aqueles que quisessem lembrar a história do CSVP. Segundo Ana Simões, secretária da Associação de Pais e Mestres (APM), as Revistas foram manuseadas principalmente pelos Alunos: “Foi muito legal. As pessoas folhearam as revistas, gostaram



ESPAÇO DO LIVRO E REVISTA A CHAMA: CONVITE À LEITURA

de ver fotos antigas, em especial as do Pe. Lauro mais novo”.

As salas de aula também foram lugar para as atividades de leitura e de contação de histórias. Os Alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, além de exporem as histórias em quadrinhos criadas a partir do livro ‘Pote Vazio’, receberam o escritor Márcio Trigo. Com a ajuda de um violão, eles cantaram juntos histórias infantis. Márcio elogiou a participação e a espontaneidade das crianças e a iniciativa do São Vicente de promover a Feira de Linguagem: “É fundamental o Colégio fomentar, desde cedo, o prazer de ler nos Alunos. E é preciso pensar em eventos como este, que tornem a leitura algo mais lúdico, pois hoje há muito apelo de computador, televisão e vídeo-game”.

E parece que o estímulo deu bons frutos, pois a inspiração de muitos trabalhos veio de livros. Na entrada do pátio, era possível ver os Alunos do 9º ano com fantasias árabes. Eles leram ‘As mil e uma noites’ e, em grupos, transformaram cada capítulo em uma fotonovela. Fernanda Tuffani, da turma 904, achou que a idéia de se vestirem com roupas típicas tornou o trabalho mais divertido: “A feira é um evento muito legal, porque une as

pessoas. Se não fosse por isso, ninguém viria ao Colégio no sábado, ainda mais o 9º ano, que não tem aula nesse dia”.

Já o 1º ano do Ensino Médio trabalhou com os contos de Machado de Assis. Os Alunos expuseram textos relacionados às obras lidas e fotos da época na qual foram escritas, criaram trilha sonora, se vestiram dos personagens principais, como no caso de ‘O alienista’, ou criaram bonecos para reproduzi-los. Carolina Castiel, do 1º ano A, que leu ‘A missa do galo’, aprovou a proposta do trabalho: “Foi uma oportunidade de aprendermos mais sobre os grandes autores da literatura brasileira”.

O 3º ano do Ensino Médio, por sua vez, relacionou o cinema à biologia. Os Alunos fizeram cartazes mostrando de que maneira filmes como ‘Poderosa Afrodite’ e ‘Todos dizem eu te amo’, de Woody Allen, tratam do corpo e das qualidades biológicas do homem. Outros, em vez de analisarem filmes, criaram os seus próprios



vídeos. Foi o caso dos Alunos do 6º ano, que contaram a história do CSVP e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) a partir da realização de um documentário sobre o tema memória e política. Além do vídeo, eles também organizaram uma exposição de fotos no escuro, que só podiam ser vistas com a ajuda de lanternas.

Os Alunos do 5º ano tiveram, com a feira, a oportunidade de estudar um pouco mais a História do Brasil e a herança africana no país. Eles pesquisaram, escreveram textos, fizeram cartazes e painéis sobre o período da escravidão e os movimentos abolicionistas. Na opinião de Alexandre Leite e Pietro Mack, eles aprenderam bastante com a elaboração do trabalho: “Agora conhecemos mais a nossa história e o passado do Brasil”.

O 3º ano do Ensino Fundamental também fez uma viagem no tempo, mas só recuou até a época da infância de seus Pais, para conhecer melhor as suas brincadeiras. Cada Mãe ou Pai escreveu um texto sobre como brincava quando tinha oito anos e os Alunos organizaram uma exposição comparando as brincadeiras antigas com as novas. Os Pais também puderam lembrar os comerciais de TV da década de 70, que foram exibidos na ela,

sala. Isabel Fortes, mãe da Catarina, da turma 301, disse que gostou de relembrar sua infância e comparar com a de sua Filha. Para ela, a interação entre Pais e Alunos possibilitada pela feira é muito positiva: “A Feira de Linguagem é o evento de que mais gosto no Colégio, porque sempre vejo que os Alunos estão bastante envolvidos. Esse tema foi muito legal, pois eles refletiram sobre a passagem do tempo”.

A música também teve seu espaço na Feira de Linguagem deste ano. Os Alunos do 7º ano apresentaram para os convidados ritmos que compuseram com instrumentos ao longo do ano. Para encerrar o evento, houve a apresentação musical de ‘Ah! Banda’, no auditório da escola. Na opinião de Nanci Raymundo, da Compasso (Coordenação Comunitária, Pastoral e Social), que organiza o evento, a feira cumpriu o seu objetivo, o de “mostrar as diferentes linguagens que a escola tem”.



ISABEL FORTES E SUA FILHA CATARINA, DO 3º ANO EF

Construindo e preparando o futuro

De oficinas na própria escola a trabalhos voluntários em outros estados do Brasil, Alunos, Professores e Funcionários do CSVP desenvolvem projetos sociais e melhoram a vida de comunidades carentes. **Transformação Social:** não é à toa que o Colégio São Vicente de Paulo assim nomeia a sua missão institucional. O conjunto dos projetos sociais empreendidos pela escola, denominado CPF (Construindo e Preparando o Futuro), já atende, além do Rio de Janeiro, os Estados da Bahia e de Minas Gerais e o Distrito Federal. Na edição passada de A CHAMA, contamos como o Projeto Esperança ajuda a melhorar a vida de 25 famílias na comunidade Chico Mendes, na Pavuna (RJ). Nesta Revista, damos continuidade à descrição dos projetos que ocorrem dentro e fora do Colégio.

Comunicação, Artes e Solidariedade: tudo começou quando, no começo deste ano, os Professores de Português e Biologia convidaram os Alunos do 3º ano do Ensino Médio a criarem projetos sociais. O grupo de Luísa Reis, Ana Paula Pelegrino e Ilan Vale levou a proposta a sério: “A gente pensou em algo que pudesse depois ser posto em prática”. Ao conversar com a assistente social do Colégio, Deise Santana, eles descobriram que o Creas (Centro de Referência Especializado em Assistência Social) Maria Lina havia contado a escola com a demanda de espaço e atividades sócio-educativas complementares para crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti).

Dessa necessidade surgiu a idéia de fazer o Comunicarte. Em seguida, outros grupos da turma também se envolveram e sugeriram temas para as oficinas do projeto. Deise elogia a iniciativa dos Alunos e a participação da turma: “Acabou sendo uma mobilização do 3º ano todo. Eu e os Professores ficamos muito orgulhosos”.

As oficinas temáticas do Comunicarte, cada uma com seis módulos, acontecem no Colégio desde maio, nas tardes de segundas e sextas-feiras. Os 15 Alunos do PETI, moradores da comunidade do Morro Azul, no Flamengo, são crianças entre 8 e 14 anos que foram retirados das ruas ou estavam em situação de risco. Além das oficinas de Informática e Graffiti, que são dadas por Professores, as outras quatro – 'Leitura', 'O Olhar', 'Animação' e 'Cidadania' – são

organizadas e ministradas pelos próprios Alunos, com a ajuda de Professores e Psicólogos da escola.

Luísa é uma das responsáveis pelos encontros de leitura, onde são trabalhadas interpretação de textos e sua releitura através de desenho e teatro. Ela considera que aprendeu muito com o projeto, no qual pôde experimentar o que é estar em sala de aula no papel de Professora: “O principal é a gente agregar a proposta do Colégio, a de passar adiante o que é aprendido



aqui dentro”. Marina Cavalcanti, da oficina 'O olhar', cujo objetivo é, a partir da arte, desenvolver nas crianças as capacidades de percepção, abstração e construção, concorda que houve aprendizado recíproco: “Sem dúvida, a coisa mais importante do trabalho foi a interação”. Yasmin Scheufler vê na oficina de animação, que ensina como produzir efeitos de movimento a partir de materiais simples, como fotografia e massinha, uma oportunidade de despertar e desenvolver possíveis talentos das crianças.

Fernanda Félix, dinamizadora do Peti que acompanha as atividades das crianças no Colégio, avalia como positivos os resultados do Comunicarte: “Notei neles uma mudança muito grande de consciência e de pensamento. As experiências são novas, o ambiente é diferente e há muita troca entre eles e as meninas”. Luísa diz que, se elas tiverem disponibilidade, pretendem participar do Comunicarte também no próximo ano, e manifesta seu desejo de que o projeto não termine: “A gente gostaria muito que esse projeto contagiasse outras pessoas do Ensino Médio e tivesse continuidade no ano que vem”.

Sensibilidade desde a infância

Para Nanci Raymundo, da Coordenação Comunitária, Pastoral e Social, o Comunicarte comprova que a tentativa da escola de mobilizar os Alunos para o trabalho social está dando certo: “A gente vê que nossa maneira de sensibilizar cria sementes em alguns”. E é por acreditar que esta sensibilização social deve acontecer desde cedo que o São Vicente desenvolve o projeto Creche Cristo Redentor. O objetivo é promover a interação entre os Alunos do Colégio e os da creche, que também fica no Cosme Velho.

Até o ano passado, só os Alunos do CSVP dos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental iam até a creche brincar com as crianças. Este ano, além dos do 4º e 5º anos terem sido incluídos no projeto, os Alunos se alternam

entre ir à creche e receber as crianças no próprio São Vicente. A cada semana, junto com as Professoras, eles planejam as atividades que desenvolverão com os menores, como contação de histórias, teatro, pintura, recorte e colagem, sempre procurando lhes passar uma mensagem.

Para Rosi Menescal, Professora da turma 504, a palavra-chave desse trabalho é acolhimento: “Nossos alunos doam um pouco de seu tempo e, principalmente, de sua alegria para as crianças que ficam na creche, longe de seus familiares durante várias horas e que por alguns momentos passam a



Das salas de aula à sociedade

Educar para a transformação social. Esse é o lema de nossa escola e o conhecemos desde pequenos. No 3º ano do Ensino Médio, prestes a sair do Colégio, tivemos oportunidade de consolidá-lo. A partir de uma proposta feita em sala de aula, avançamos as barreiras do conhecimento teórico e partimos para a prática, deixando de ser só “educados” para também sermos um pouquinho educadores.

O Comunicarte, idealizado por nós, Alunos, ainda é um projeto-piloto. Foram as professoras Márcia e Vera que propuseram este trabalho, mas não foram só elas que nos fizeram levá-lo adiante. Todo o Corpo Docente, os Coordenadores, os Funcionários, todos contribuíram para que tomássemos esta iniciativa, pois ela é muito mais do que simplesmente outro projeto social da congregação vicentina.

O projeto reflete toda a proposta educacional que o São Vicente prega, é prova de que todos os valores expostos nas aulas são absorvidos por seus Alunos e devolvidos de forma positiva para a sociedade. Se o Comunicarte ainda está sendo construído, ele mostra que o Colégio está pronto, formando seres humanos com valores coerentes com seu ideal.

Ana Paula Pelegrino e Luísa Reis, turma 3º A



ser o centro das atenções de outras também crianças. O combinado é que os maiores cuidem dos menores, mas a alegria é tamanha que todos acabam se soltando; há no ar uma mistura de sorrisos, olhinhos ansiosos e brilhantes”. Rosi considera que o projeto vai de encontro ao objetivo de transformação social do CSVP e é importante para todas as pessoas envolvidas: “Para nossos Alunos é a certeza de estar fazendo algo que concretiza a ação “ser feliz por ser bom”, palavras sempre ditas por Pe. Lauro. Para os Alunos da creche é a oportunidade de terem um pouco mais de atenção, de receber um carinho delicioso e um cuidado especial por crianças maiores. Para nós, Professores, o importante é saber que somos também responsáveis pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna”.

Além dos projetos Comunicarte e Creche Cristo Redentor, há mais dois projetos educativos no São Vicente: as atividades de monitoria para as turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), dadas por Alunos do 2º ano do Ensino Médio, e as bolsas de os



SERRA DO RAMALHO

PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE CARIRANHA SE APRESENTAM NA NOITE CULTURAL



estudo para Alunos carentes. Em 2008, foram concedidas bolsas integrais para os 221 Alunos da EJA e 67, entre parciais e integrais, para o ensino regular.

“Para nós, Professores, o importante é saber que somos também responsáveis pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna”.

ROSI MENESCAL

Trabalho voluntário no Sertão

Além de participarem de projetos que acontecem no Colégio, Alunos e Professores do São Vicente viajam pelo Brasil para desenvolverem trabalhos voluntários. Os municípios baianos vizinhos Serra do Ramalho e Carinhanha são dois de seus destinos. Cada um é visitado pela equipe da escola duas vezes por ano, no primeiro e no segundo semestre. Em Serra do Ramalho, a atuação da equipe do CSVP começou em janeiro de 2006, com cursos de formação para Professores e Educadores da região, que hoje já passam de 600 Alunos. Depois, a partir de demandas dos próprios moradores, foram criados novos projetos como Exercício para a Cidadania, que visa capacitar lideranças sociais em Políticas Sociais, Associação de Mulheres Artesãs Seramalhenses (Amas), onde são ensinadas atividades artesanais a mulheres e mães de baixa renda, e Mar de Dentro, cujo objetivo é o mapeamento da cultura e o resgate da história da região, formada por agrovilas e pessoas muito diferentes.

Em outubro do ano passado, os Alunos do São Vicente deram início à oficina Afetividade e Sexualidade, para os jovens da região. Luísa Reis conta que eles fazem dinâmicas e conversam sobre temas que os moradores gostariam de discutir e não têm oportunidade no Colégio, como corpo, prazer, drogas e álcool: “O objetivo é trabalhar com eles questões próprias da juventude”. Neste ano, começou mais um projeto, o Plantar,

com a proposta de incentivar o desenvolvimento da agricultura e o reflorestamento locais.

Na opinião do Professor de Geografia Marco Antônio Gomes, que participa do projeto desde a sua implantação, já é possível notar que os Professores locais expressam um novo olhar sobre as práticas educacionais: “A participação política se faz mais intensa e consciente, deixando os politiquinhos preocupados”.

Segundo ele, esse trabalho atesta que a transformação social não deve depender apenas de projetos do Estado, pois há resultados na participação de cidadãos em pequenos grupos: “Avançando pelo interior do Brasil, estamos cumprindo o nosso objetivo maior, de socializar o conhecimento sem, no entanto, ignorar a realidade de vida daquelas comunidades, com quem aprendemos tanto”.

Em Carinhanha, além do projeto Exercício para a Cidadania, que também acontece em Serra do Ramalho, são desenvolvidas as oficinas Jovens em Ação, para cerca de 200 moradores de 15 a 25 anos, e Liderança e Atitude, para 30 lideranças pastorais e de movimentos sociais, na faixa etária de 30 a 70. Cacau Marçal, Professora de Artes, conta que o grupo de Professores do São Vicente cria coletivamente, a partir de sugestões e pedidos dos próprios Alunos, as atividades das oficinas, que reúnem arte, música, teatro, leitura e psicologia: “Em julho, o tema escolhido foi a casa como possibilidade de transformação do mundo e de nós mesmos, a partir do que

Serra do Ramalho

Desde a nossa primeira viagem a Serra, ouvimos muitas perguntas do tipo: “O que vocês fazem lá?”, “Como é a cidade?”. Até hoje, não sabemos ao certo como responder a essas perguntas. Explicar como é Serra do Ramalho é quase tão difícil quanto explicar o que é o Sertão. Talvez Guimaraes Rosa seja o único a conseguir essa proeza, “construir o Sertão na linguagem”. Nós podemos apenas relatar as nossas impressões de um pedaço de sertão, um pedaço de Brasil.

São poucas as palavras não-piegas que podem descrever a estranha sensação de se sentir tão “em casa” em uma cidade no sertão da Bahia, onde a realidade da população não poderia ser mais distinta da nossa. Seca, pobreza e uma vida política conturbada são apenas algumas das características de um contexto que ainda muito se assemelha ao coronelismo, devidamente estudado nas aulas de História.

Geralmente, a viagem começa na porta do Colégio (é muito eufemismo chamar a ida para Serra de viagem; o certo seria chamar de saga). Em seguida, vamos para o aeroporto, onde pegamos um avião até Brasília. Depois pegamos um ônibus por mais ou menos 13 horas e finalmente alguém diz: “chegamos”.

Durante uma semana, trabalhamos de oito da manhã às oito da noite nas oficinas do CPF. Pelo menos dois dias de viagem servem para as visitas às agrovilas do trabalho com jovens. Para cada agrovila, reservamos um dia inteiro, do qual grande parte se resume à viagem de ônibus, já que as distâncias entre as agrovilas são grandes e as estradas, esburacadas. É nesta parte em que aquela tal “poeira do sertão” aparece e se instala confortavelmente em nossas roupas, cabelos e narinas.

Provavelmente é muito difícil imaginar que realmente valha a pena passar duas semanas de férias fritando ao sol da Bahia, porém só quem vê a Serra pode compreender a verdadeira razão que nos motiva a fazer o que fazemos.

Diana Nakano e Yasmin Scheufler, turma 3ªA

Projeto social

Hoje eu estava muito animada pois íamos fazer uma visita à Creche Cristo Redentor. Quando nós começamos a lanchar, o meu sorriso abriu mais ainda, eu fiquei tão feliz de ver aquelas carinhas felizes.

Nós começamos a brincar e nos divertimos muito. No final, tocamos flauta para eles e todos aplaudiram. Foi muito fofo. Na hora de ir embora foi uma tristeza enorme.

Eu acho que o que a gente fez foi muito bonito. Isso representa muito para mim e eu acho que esse dia ficará marcado para sempre na nossa e na vida dessas crianças. Elas não precisam de dinheiro, mas sim de amor, atenção e carinho.

Mariana Penna Bonelli, T. 501



EQUIPE VOLUNTÁRIA DO CSVP COM JOVENS DA SERRA DO RAMALHO

está à nossa volta. Trabalhei na minha oficina com nossas origens culturais africanas, indígenas e o cordel nordestino, com gravura em papelão”. Ao término do trabalho, os participantes colocaram o que produziram em uma casa de bambu construída por eles próprios. Houve também uma noite cultural, onde eles se apresentaram com música, teatro e dança.

Para Cacau, a viagem possibilita

uma troca entre os moradores da região e quem vai até lá: “Nós oferecemos reflexão, reconhecimento da identidade, possibilidade de sonhar novos horizontes, de olhar para a realidade de forma crítica e ao mesmo tempo poética. E também aprendemos muito sobre nossa cultura, rompemos com preconceitos e nos aproximamos de uma visão mais realista do país”. A Professora elogia o potencial

dos Alunos, contando que, após a ida da equipe do Colégio em janeiro, eles próprios reproduziram as oficinas para outros jovens que não haviam participado: “Nós ficamos felizes com a iniciativa, o que nos estimulou para o próximo trabalho”.

Formação de líderes

Em Riacho Fundo, área de periferia urbana do Distrito Federal, o São Vicente começou a atuar em julho de 2006 na capacitação de cem lideranças pastorais que lidam com crianças e jovens. São oferecidas oficinas de temas variados, como teatro, expressão corporal e técnicas pedagógicas. Há também uma parte teórica, na qual são discutidos assuntos como globalização, temas bíblicos e mitologia, procurando-se sempre abordá-los no contexto atual. O Professor de Teatro Mário Sérgio Lima Medeiros opina sobre o valor desses encontros: “A importância está em podermos discutir com a comunidade temas que falam direto à vida dela, ao seu dia-a-dia. Somos educadores que rejeitamos o rótulo de que sabemos tudo, de que vamos levar algo novo. Aprendemos muito com os Alunos também. Muitas das vezes nos surpreendemos com o que eles nos dizem através das discussões e das atividades práticas”.



PROJETO ESPERANÇA



OFICINA EM FRANCISCO BADARÓ (MG)



IR. ADRIANO (À ESQUERDA) ORGANIZA REUNIÃO PARA AVALIAR O PROJETO CARIRANHA



ALUNOS DE CARIRANHA CARREGAM CASA DE BAMBU COM TRABALHOS FEITOS NAS OFICINAS

Homenagem ao voluntariado do São Vicente

No dia 11 de junho deste ano, mais de cem voluntários do CSVP – Professores, Funcionários, Alunos e ex-Alunos – que atuam nos projetos de Serra do Ramalho e de Carinhanha foram homenageados na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. A iniciativa foi do vereador Roberto Monteiro, genro de Edna Cardoso, Professora do 2º ano do Ensino Fundamental da escola.

Edna conta que Roberto acompanha o seu trabalho no voluntariado desde 1995, quando atuava na erradicação do analfabetismo em Jaguaruana, no Ceará: “Ele sempre admirou essa doação dos Professores nas férias, na época das festas. Diz que é um trabalho muito bonito, que nos dignifica. Agora, como Vereador, teve a oportunidade de nos dar essas menções honrosas e deixar nosso trabalho registrado na Câmara para que sirva de exemplo a outros”.

Depois de Jaguaruana, Edna participou, com a equipe do CSVP, da formação continuada de Professores em Cocos, na Bahia, hoje já encerrada. Atualmente, continua atuando em Serra do Ramalho e Carinhanha: “O que me fortalece como pessoa e como profissional é ver a utilidade que posso ter, ajudando as pessoas a adquirir uma visão mais ampla da profissão e da própria vida. Mas com certeza recebo mais do que dou. Volto de lá energizada, fortalecida”. A Professora acredita que esses projetos na Bahia, cuja previsão de término é 2010, já mostram resultado, principalmente nos debates políticos: “Hoje eles já sabem do que precisam e como reivindicar”.



Começo de projeto em Minas

Em julho de 2008, o CSVP deu início à formação de Professores em duas cidades, Francisco Badaró e Jenipapo, em Minas Gerais. Foram oferecidas, para cem educadores em cada lugar, duas palestras, uma sobre co-responsabilidade no processo educativo, dada por Ir. Adriano Ferreira, e outra sobre relacionamento, convivência e grupo, ministrada pela psicóloga Marisa Aparecida Domingos. Além disso, os Alunos participaram de quatro oficinas: O Lúdico na Educação Infantil, Produção Textual, Construção do Conhecimento e Projeto Pedagógico, Cultura e Palavra. A Professora do São Vicente Valéria Baptista foi responsável por esta última, onde desenvolveu atividades sensoriais e poéticas. Em Francisco Badaró, ela trabalhou a cultura religiosa da região e ajudou os Professores locais a confeccionarem estandartes da Festa do Rosário, para decorar a Igreja: “A questão cultural foi intensamente debatida e suscitou a criação de um grupo de estudos. Os livros já foram encaminhados e em janeiro começaremos um trabalho de pesquisa e debates sobre a Festa do Rosário”. Em Jenipapo, foram confeccionados tapetes de palavras.

Segundo Valéria, o objetivo do trabalho em Minas é possibilitar que a comunidade descubra seus próprios passos e continue a se desenvolver mesmo na ausência da equipe da escola: “Encontrar alternativas para a geração de renda e o desenvolvimento da cultura local é um dos desafios desse projeto. São muitos os caminhos e a educação é fundamental”.

Metodologia da Ação Social Vicentina

“Mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que, de repente, aprende”
Guimarães Rosa

Nas atividades sociais desenvolvidas pelo CSVP é comum ouvirmos elogios dirigidos à nossa forma de atuar. Em nossas reuniões de avaliação, vez por outra, temos a satisfação de ouvir falas nos seguintes termos: “você têm um jeito diferente de trabalhar”, “você são mais próximos da gente, criam junto conosco”. Elogios deste gênero não são gratuitos, correspondem ao nosso esforço de desenvolver uma metodologia social participativa na qual gestores, voluntários e usuários dos serviços atuam em condições iguais desde a elaboração até à execução dos projetos. Nós, agentes da transformação social do CSVP, não queremos só ajudar os menos favorecidos a crescerem; nós queremos crescer junto com eles.

Uma das frases mais difundidas no campo da ação social atualmente é a seguinte: não basta dar o peixe, é preciso ensinar a pescar. Concordamos com a idéia de que “dar o peixe”, numa atitude meramente assistencialista, por um lado atende a uma necessidade urgente da pessoa, mas por outro, estimula o comodismo e a passividade. Também concordamos com a idéia de que “é preciso ensinar a pescar”, ou seja, oferecer ferramentas para que as pessoas possam conseguir sua sustentabilidade sem depender de terceiros. Porém, para nós, ambas as atitudes são ainda insuficientes para que ocorra uma verdadeira transformação social. É preciso ir além desse “dar o peixe” ou mesmo do “ensinar a pescar”. Nossa metodologia compreende um passo a mais, que podemos chamar, ainda no exemplo da pescaria, de “sair para pescar junto”. Trata-se de outra maneira de ver e agir.

Mediante a diversidade de nossas atividades, não basta desenvolvermos um único modelo de ação. Cada localidade carrega em si suas idiosincrasias que exigem de nós um esforço para tocarmos em frente nosso método de maneira participativa e orgânica. Nos nossos diversos espaços de atuação social, inspirados pela idéia “paulofreireana” de que ninguém educa o outro, nem tampouco ninguém se educa sozinho, mas nos educamos em comunhão, fazemos o esforço de trazer as pessoas com as quais trabalhamos (professores, lideranças comunitárias, jovens, pessoas em situação de risco social) para junto de nós na construção das atividades a serem desenvolvidas. Assim, entendemos que não estamos dando apenas o peixe, nem somente oferecendo a vara de pescar; partimos para pescar junto deles, partilhando todo o processo que uma boa pescaria nos reserva: desde a metódica preparação da vara, do anzol e da isca, passando pela procura do melhor lugar para lançar a linha, até a angustiada espera pelo peixe, que premia os persistentes com a secreta alegria de sentir o primeiro beliscão na isca. Assim vamos, impelidos pela vontade de construirmos juntos uma sociedade mais justa, conscientes de que essa só poderá emergir através do encontro entre as pessoas dos diferentes lugares e classes sociais.

Ir. Adriano Ferreira, Coord. de Projetos Sociais da PBCM

Os bons filhos à Casa tornam

Luis Gauí se formou no São Vicente em 2003 e termina este ano o curso de História. Rafael Szabó concluiu o Ensino Médio em 2004 e está no último período de Ciências Biológicas. Hoje, os dois ex-Alunos coaboram na Educação de Jovens e Adultos. Aqui, eles contam a sua história no Colégio e dizem como se sentem ao ajudar o corpo docente da Família Vicentina.

Como foi a sua vida de Aluno no São Vicente?

LUIS: Estudei no São Vicente do 1º ano do Ensino Fundamental até o final do Ensino Médio. Foi, portanto, um longo período que abarca a minha infância e adolescência, repleto de altos e baixos. Eu era um menino introspectivo, possuía poucos amigos e me relacionava melhor com os Professores do que com os Alunos. Não era, entretanto, um bom Aluno. Tirava notas ruins, ficava sempre de recuperação, passava “raspando”, até que repeti o 2º ano do EM.

RAFAEL: Minha vida sempre foi muito boa. Adorava o clima do Colégio, os amigos, as conversas, as paqueras. Mas, como estudante, nunca fui aquele Aluno exemplar. Muito pelo contrário, sempre ficava na recuperação e até fui reprovado. Com a reprovação, amadureci muito como pessoa e como estudante. Nos anos seguintes, apesar de algumas dificuldades, consegui superar meus limites. Participei do Programa de Vocação Científica (Provoc) da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz). Fui eleito representante de turma por dois anos consecutivos e ainda fiz coral por um ano (apesar de não cantar bem). Na Fiocruz, fui um dos poucos Alunos convidados para participar de um congresso por duas vezes.

Quais foram os momentos mais marcantes da sua época de Aluno?

LUIS: Curiosamente, a melhor coisa que me aconteceu foi ter repetido o ano. Mudei a minha relação com as aulas, principalmente de Exatas, Química e Matemática, que eram o meu terror. Saí de uma série onde não me sentia muito à vontade e aceito, e tive a oportunidade de recomeçar. Foi um momento em que já estava um pouco mais maduro, seguro e disposto a conhecer novas pessoas e fazer amizades, que até hoje sobrevivem.

RAFAEL: Os melhores momentos foram durante o 3º ano do Ensino Médio. A angústia de querer entrar logo na faculdade e o receio de como seria me fizeram aproveitar ao máximo o último ano no São Vicente.

O que São Vicente te ensinou de mais importante?

LUIS: Acho que um pouco de tudo. Quando se estuda em um lugar por “toda a vida”, esse lugar faz parte essencial da formação do caráter do indivíduo, da sua visão de mundo, de seus ideais e valores. Um ambiente que você frequenta por doze anos, todos os dias da semana, certamente se torna uma parte significativa e determinante da sua vida, tanto



LUIS GAUÍ

quanto o próprio meio familiar. Mas me ensinou principalmente que temos uma grande responsabilidade para com o mundo, para com as pessoas ao nosso redor; que somos pessoas muito afortunadas pelas oportunidades que nos são oferecidas e que devemos nos esforçar para fazer com que um número cada vez maior de pessoas tenha acesso a estas mesmas oportunidades.

RAFAEL: O Colégio me ensinou a ser perseverante e acreditar no meu potencial, principalmente nos momentos difíceis por que passei. Aprendi também que é preciso ser solidário com as pessoas. Há uns dois meses, eu estava no posto de combustível e um menino me pediu dinheiro. Estava chovendo e ele, todo molhado. Não dei dinheiro, até porque na ocasião não tinha. Fui à casa, busquei roupas que já não usava mais e levei para o menino. Pedi que ele retirasse a roupa molhada e substituisse pela seca. Conversei com ele, paguei um lanche e ele me agradeceu muito. Eu fiquei emocionado naquela noite. Como pode a gente viver neste mundo, nesta correria toda e um simples gesto como esse ser tão gratificante? Acho que este espírito de solidariedade e respeito para com o próximo aprendi no São Vicente.

O lema do Colégio é formar agentes da transformação social. Você se considera um deles?

LUIS: Sim. Acredito que de fato é através da Educação que podemos



RAFAEL SZABÓ

pensar a sociedade, criticá-la e mudá-la, enquanto influenciemos outras pessoas a fazerem o mesmo. Optei por ser Professor de História. Eu poderia ter escolhido exercer uma profissão que me desse muito dinheiro, um retorno financeiro rápido ou uma profissão considerada pelo senso comum como possuindo maior status e segurança. Mas fiz uma escolha voltada para a crença em um ideal de vida, algo em que acredito e que me oferece um enorme prazer.

RAFAEL: Sim, acredito que sou um transformador, porque atuo também na área de Educação Ambiental. Para mudarmos a atual sociedade consumista, é preciso refletir sobre os pequenos atos do dia-a-dia, como pegar uma sacola de plástico no supermercado para colocar um pacote de balas, que caberia perfeitamente no bolso! A preservação do meio-ambiente deve ser vista como uma questão de sobrevivência e, desta forma, devemos construir uma visão crítica sobre a problemática ambiental, contribuindo para uma sociedade sustentável, pacífica e solidária.

Por que você decidiu voltar ao São Vicente, agora como Educador da EJA (Educação de Jovens e Adultos)?

LUIS: Além de ser um Colégio de excelência no Rio, é inegável que tenho um enorme carinho por ele. Sinto-me muito realizado de poder oferecer algo em troca, de poder contribuir com a formação de outras pessoas.

Também é uma forma de mostrar, através da minha trajetória, que o trabalho realizado pelos Professores não é vão. Eles inspiram, dizem coisas que nunca iremos esquecer. Sem os professores de História que tive no São Vicente, acho muito difícil que eu tivesse escolhido esta profissão.

RAFAEL: Em primeiro lugar, voltei ao São Vicente pela imensa saudade de todos que me acompanharam direta ou indiretamente. Mas também decidi voltar porque queria conhecer como é trabalhar como Professor no São Vicente. Logo que comecei a atuar com o Professora Rosa (Ciências) e com o Professor Marco Antônio (Geografia), senti o carisma dos Alunos da EJA e, desde então, fiquei apaixonado por esse trabalho e confesso que me arrependi profundamente de não ter entrado para a “Família EJA” quando era Aluno.

Como é a experiência de ser Professor poucos anos depois de ter sido Aluno do Colégio?

LUIS: Muito interessante e esclarecedora. A relação entre Educador e Aluno é de amor e ódio. Agora que estou “do outro lado”, entendo muito melhor as ações dos meus Professores, me questiono sobre como era quando estudante e sobre as minhas atitudes. E o principal é que não me esqueço de que fui Aluno e como é ser um: as angústias, as inseguranças, que se somam ao estresse de ter que estudar, ir às aulas e se preocupar com “o que você vai ser”, além do fantasma do

vestibular. Dessa forma, procuro sempre compreender mais e julgar menos; ter sempre em mente que a vida e os problemas daqueles Alunos vão para muito além do que posso apreender em minha aula.

RAFAEL: A experiência de dar aula como estagiário ao lado da Professora Rosa está sendo muito enriquecedora para mim. Sei que era Aluno há apenas quatro anos, mas acredito que o amadurecimento pessoal e profissional não pode ser medido na escala do tempo, mas sim na intensidade e no envolvimento com o trabalho.

Qual é a importância da EJA para você e para os Alunos?

LUIS: Posso dizer, com toda a sinceridade, que não há nada no momento mais importante e gratificante para mim do que as aulas da EJA. Saio todas as noites com um sorriso no rosto e com a impressão de que aprendo muito mais com eles do que eles comigo. A trajetória de vida dos Alunos e as suas experiências não só comovem, como nos ajudam a ter uma visão mais acurada da realidade brasileira. A Educação de Jovens e Adultos é um projeto lindo e o clima em sala de aula e no Colégio é ótimo. Os Alunos fazem questão de expressar a importância das aulas, dizem se estão gostando ou não. Enfim, explicitam o quanto importante é estar ali aprendendo (às vezes após muitos anos afastados da escola) e o quanto importante é a nossa presença ali com eles, acreditando que é possível, que devemos continuar batalhando por melhores condições de vida.

RAFAEL: A cada dia percebo que a EJA é muito especial, aprendo muito com os Alunos e com a experiência de vida de cada um deles, seus problemas e dificuldades. Mas, acima de tudo, o que considero de mais importante na EJA é a dedicação e a força de vontade dos Alunos, que, mesmo após um dia inteiro de trabalho, ainda têm vontade de estudar e aprender. Fazer parte disso e poder ajudar de alguma forma os Alunos da EJA a superarem suas dificuldades é muito gratificante.

Olimpíadas Vicentinas

Os Jogos Olímpicos só acontecem a cada quatro anos (este ano foi em Pequim, na China). Mas o Colégio São Vicente de Paulo organiza a atividade anualmente, envolvendo os Alunos de toda a escola. Para saber como foram os jogos deste ano – que aconteceram entre os dias 26 de junho e 6 de setembro –, os leitores contarão com os textos do Aluno Markus Arruda, da turma 301, e do coordenador de Educação Física, Paulo Nascimento. Confira abaixo o relato dos nossos colaboradores:



A Olimpíada do Colégio São Vicente de Paulo

A Olimpíada do meu Colégio foi muito legal porque teve futebol, corrida de revezamento, queimado e arremesso ao cesto. Na partida de futebol, nós perdemos para o azul de cinco a quatro, mas, quando acabou o jogo, nós corremos para o ginásio para torcer pelas meninas no queimado e nós ganhamos.

Na terça-feira, tivemos futebol, corrida e queimado. No futebol, jogamos contra o verde e perdemos de quatro a dois. As meninas jogaram bem no queimado e ganhamos outra vez. Na corrida, nós ganhamos na masculina, mas na feminina nós perdemos.

Na hora da colocação, o amarelo ficou em quarto, o verde em terceiro, o branco em segundo e o azul em primeiro. A Olimpíada foi ótima.

Markus Arruda, Aluno – Turma 301



Olimpíada 2008: quanta participação! Quanto entusiasmo!

Nossa olimpíada deste ano começou no dia 26 de junho com uma linda solenidade de abertura, da qual participaram as turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Ainda em junho, foram realizados todos os jogos deste segmento do ensino. Após breve interrupção para as férias escolares, a olimpíada teve continuidade com as competições do Ensino Médio, que ocorreram em agosto, e com os jogos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que aconteceram no mês de setembro. Vale destacar que, neste ano, tivemos a cobertura jornalística realizada por um grupo de Alunos do Ensino Médio, que resultará num jornal sobre o evento.

A equipe de Professores de Educação Física, que é a principal responsável pela organização e realização dos jogos, sente-se gratificada, visto que esta é uma atividade que sempre gera grande motivação nos estudantes. Dentre as muitas atividades que dela se originam, nossas crianças e jovens realizam um treinamento pré-olímpico durante as aulas de Educação Física, dividem-se em equipes, buscam patrocínio olímpico, organizam as torcidas e competem, sempre demonstrando muito prazer. São atividades que favorecem o crescimento pessoal e coletivo. Através delas, nossos Alunos têm oportunidade de desenvolver atitudes, valores e conhecimentos no que se refere à organização pessoal, à autonomia, ao respeito ao outro e à negociação em busca de consenso e da superação de conflitos.

Os jogos foram disputados sempre com entusiasmo e lealdade, com um destaque especial para as duas finais de basquete masculino: a do Ensino Médio, que foi um jogo digno de uma final olímpica, e a do 9º ano, decidido nos últimos segundos com uma cesta de três pontos feita pelo Aluno Luís Ricardo. Este expressou assim seus sentimentos ao final da competição: “Senti muita pressão, pois minha equipe solicitou que eu arremessasse, pois já tinha feito duas cestas de três pontos no jogo. Após o arremesso, com a vitória conseguida, me senti realizado e aliviado”.

Prof. Paulo Nascimento,
Coordenador de Educação Física

Festivos juninos

Este ano, a Revista A CHAMA teve a colaboração de uma “repórter” muito especial para contar como foi a Festa Junina do Colégio dos pequenos, realizada no dia 6 de junho. O texto e a ilustração são da Aluna Gabriela Pinto (T.301). Leia a seguir:



A Festa Junina do meu Colégio

No dia 6 de junho deste ano, aconteceu a festa junina do Colégio São Vicente de Paulo. A festa foi muito divertida. Havia duas barraquinhas de bola na boca do palhaço, duas de jogo de latas e uma de arremesso de argolas. Houve várias brincadeiras no ginásio, tipo corrida de sacos, limão na colher e dança das cadeiras. Tinha também muita comida. Eu levei bolo de fubá, mas havia outras coisas: cachorro-quente, bolo de cenoura com calda de chocolate, bolo de chocolate, muita paçoca, doce de leite duro em quadrados, doce de leite de colher e muito mais.

Na minha turma só tem sete meninas. Quatro estavam de lilás: eu, a Bia, a Catarina e a Bruna. Aconteceu também a quadrilha, que todos os Pais adoraram. Pena que algumas pessoas não dançaram. A festa junina do Colégio São Vicente de Paulo foi incrível!!!

Talento com sotaque

No dia 5 de julho, cerca de 80 Alunos mostraram que têm talento de sobra até quando o desafio é se apresentar falando outra língua. No Sarau de Inglês, que aconteceu no auditório do CSVP, os estudantes do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental apresentaram números musicais, danças, poemas, além de participarem de jogos. Segundo a Professora de inglês do 6º ano, Ivone Vieira, cada Aluno escolheu o tipo de atividade de que queria participar: “As inscrições foram aceitas até o dia 25 de junho. Os estudantes preenchiam uma ficha dizendo o que iam apresentar, de que material iriam precisar e o número de pessoas que se apresentaria com ele. Com a ajuda do serviço de mecanografia do Colégio, fizemos cartazes que foram afixados nas salas de aula, nos laboratórios de línguas e de informática e em pontos estratégicos da escola para incentivar a participação dos Alunos. E tivemos mais de 80 inscritos”.

Para Ivone, que organizou a atividade junto com as Professoras Lúcia Leite, do 6º ano, e Sônia Bueno, do 8º, o Sarau demonstrou o grande potencial artístico dos Alunos do São Vicente: “Tivemos apresentações belíssimas e todos que compareceram participaram, de uma maneira ou de outra. No final do evento, alguns Pais nos procuraram para falar da alegria que sentiram ao ver seus Filhos no palco”.

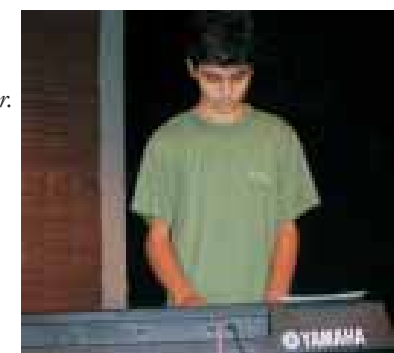
Leia, abaixo, o poema ‘The Love that I receive’, escrito por Mateus Costa (T. 801), que, no Sarau, tocou teclado, enquanto seus amigos Carlos André, Lucas Gomes e Miguel Barrozo recitaram seu texto.

*I have love to receive,
No infatuation,
Maternal love,
Love from my father,
And also love from my brother.*

*People care about me.
I don't feel lonely.
Because my family
Sticks by my side.*

*I receive love every day,
And I also give love.*

*There will always be love by my side,
My family's love,
Infatuation or not,
And never exclusion.*



Relembrando os anos 60

A década de 60 foi escolhida como o tema deste ano da Festa da Memória, organizada pelas Professoras do 3º. ano do Ensino Fundamental, Maria Lúcia Vasconcelos Gomes e Ana Cristina Barbosa. “Queremos ensinar as crianças a terem a noção de tempo. Mostramos, então, o que existia antes e comparamos com a atualidade. Já trabalhamos em outro ano, por exemplo, a pintura de Portinari. Este ano, estamos estudando os 40 anos de maio de 1968 e toda a década de 60”. Segundo Ana Cristina, a idéia é trabalhar o tema de maneira multidisciplinar: “Partimos de um livro de literatura, o 'Leila menina', de Ruth Rocha, que conta a estória de uma menina que tinha 8 anos em 1968, para desenvolver o tema nas disciplinas de História, Geografia, Português e Informática”.

As Professoras explicam que, a partir da leitura do livro de Ruth Rocha, os Alunos pediram que seus Pais contassem como eram os seus 8 anos. “Assim, eles passaram a ter referências concretas daquela época”. Assim, na Festa da Memória deste ano, ocorrida no dia 23 de agosto, as crianças reproduziram uma manhã de brincadeiras dos Pais. Houve jogo de peteca, confecção de pipas, entre outros. “Isso mostrou a eles a modificação do comportamento no tempo, a mudança das tecnologias. Hoje, eles jogam videogame”, dizem elas. O resultado da pesquisa feita pelos Alunos com seus Pais foi contado na Feira da Linguagem deste ano (ver p. 15).

BRINCADEIRAS DE ONTEM E DE HOJE.
FELIZES OS QUE SABEM BRINCAR!



PROF. JOSÉ HENRIQUE E OS 'MESTRES' DA FLAUTA NA MISSA DO DIA DOS PAIS

Dia dos Pais

O Pe. Lauro nos acolheu com uma bela homilia. Para mim, foi muito especial, já que estava na celebração na companhia da minha esposa e dos meus quatro Filhos, sendo que os dois menores participaram do grupo de flautistas, tocando lindas canções. Adorei. Acho importante estar com a minha Família numa celebração que nos dá oportunidade de refletir sobre a importância dos Pais na condução de seus Filhos, num espírito cristão e vicentino. É muito bom.

Sempre compareci à missa do Dia dos Pais do São Vicente. Pode ser que nos 13 anos de CSVP eu tenha perdido alguma, mas não me recordo. Os convites para as missas são sempre feitos de maneira muito especial. Como não comparecer?

Este ano, após a missa, a diretoria da APM recebeu os Pais, oferecendo um pote de mel do projeto Caixa de Abelhas, da Serra do Ramalho (BA).

Joaquim de Almeida, pai de Henrique (T.1ºC),
Rodrigo (T. 602) e Marcela (T. 403) e do Guilherme, ex-Aluno.

Aos mestres, com carinho

Para comemorar o Dia dos Professores (15 de outubro), a Associação de Pais e Mestres (APM) ofereceu um churrasco no sábado seguinte, dia 18. Antes, porém, mestres e aniversariantes do mês participaram da missa celebrada pelos Padres Emanuel Bertunes e Lauro Palú na capela do Colégio. Na homilia, Pe. Emanuel, citando Guimarães Rosa, lembrou que “mestre não é só quem ensina, mas quem também aprende”.

Durante o almoço houve música, karaokê e sorteio de brindes comprados pela APM para os educadores. Os contemplados ganharam aparelhos de DVD, forno elétrico, cafeteira, liquidificador, sanduicheira, relógio, ferro elétrico, aparelho de fondue, petisqueira, entre outros presentes.

No domingo

A manhã chuvosa não espantou os 75 voluntários – entre Alunos, Pais, Professores, Funcionários – e as 25 Famílias beneficiadas pelo Projeto Esperança, coordenado pelo grupo das Multiplicadoras na Ação Social (MAS) na Comunidade Chico Mendes, na Pavuna (ver A CHAMA no. 74, pág. 20). No dia 19 de outubro, estavam todos no CSVP para mais um Domingão Vicentino, que aconteceu das 9h às 14h. Os convidados receberam as boas vindas do Diretor da escola, Pe. Lauro Palú: “Estamos muito felizes em recebê-los aqui hoje. Quem dera que vocês pudessem vir todos os dias. Que Deus os abençoe”.

Depois do café da manhã, os visitantes assistiram à apresentação do Coral Loas e Luas, que apresentou um espetáculo de circo e convidou as crianças da comunidade para “andar na corda bamba”, uma das brincadeiras do *show*. Os convidados também assistiram a palestras sobre sexualidade e escovação dentária. Além disso, houve a já tradicional e muito procurada oficina de informática, na qual os visitantes manusearam à vontade os computadores.

Para José Eduardo de Souza, o Zedu, Coordenador Pastoral do São Vicente, o Domingão deste ano repetiu o sucesso que tem desde 1994, quando começou: “Tivemos um dia excelente. Talvez seja o caso de pensarmos em voltar a fazer esta atividade mais de uma vez por ano”.



ACOLHIDA CORDIAL ÀS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS.
FABRICAÇÃO DE PUFES E POLTRONAS.
O ALMOÇO E O BOLO. O SUCESSO DO 'ESCOVÓDROMO':
O SUPER-SUCESSO DA INFORMÁTICA.



Convite à Vicentinidade

Em 2008, o São Vicente dá início a atividades com o objetivo de expandir o espaço para a ação pastoral no Colégio. Noites de Formação, para Alunos da EJA, são um dos novos eventos desse projeto.

Pastoral é uma das dimensões das atividades promovidas pelo CSVP, ao lado da Comunitária e da Social. Daí o setor responsável pela organização de eventos se chamar Compasso. José Eduardo de Souza, Coordenador Pastoral, explica o que isso significa: “O Colégio, como um todo, tem uma linha pastoral como meta educativa, pois visa o acolhimento e a transformação social”. E é justamente com a proposta de ampliar estas atividades que começou, neste ano, a expansão do Espaço Pastoral.

Segundo Hécio Alvim, Professor de Ensino Religioso e Coordenador da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o objetivo do projeto é criar situações lúdicas que despertem nos Alunos um interesse maior por Religião: “Queremos conquistar espaços novos e ampliar outros para garantir um ambiente mais propício para a religiosidade”. Hécio explica que é preciso unir a linha pastoral à social: “O grande esforço é permear a dimensão social de uma

maior vicentinidade, ou seja, é importante entender que o que nos move não é apenas a luta social, mas uma luta inspirada no Evangelho, em Jesus”.

Para os Alunos da EJA foram realizadas, no primeiro e no segundo semestres, Noites de Formação, nas quais eles tiveram espaço para discutir questões ligadas à religiosidade e à sua vida, em casa e na escola. No dia 9 de setembro, por exemplo, Pe. Lauro co-

mentou as cinco virtudes vicentinas – simplicidade, humildade, mansidão, mortificação e zelo. No final, os Alunos debateram como poderiam aplicar à sua convivência o que aprenderam. A Aluna do CA, Flora dos Santos, dá a sua opinião sobre o evento: “Eu acho muito legal esta iniciativa do São Vicente. Hoje eu aprendi que na sala de aula cada um tem que respeitar o Professor e o Colega”.



“Religião, pra quê?”

Meu amigo é sincero, quando pergunto por que não se preparou para a primeira Eucaristia, como outros do 6º ano. “Não sei se acredito nisso”. É possível, porque não conhece, não falam disso em casa, o Pai e a Mãe não são de muita Igreja, só os Avós às vezes insistem e discutem com os Pais dele porque não o mandam para a Catequese.

Se os Pais querem que o Filho escolha, mas jamais lhe dão chance ou estímulo, é quase impossível que pense nisso sozinho. Algum filósofo ou convertido célebre descobriu Deus em meio a suas crises. Mas uma criança precisa ouvir dos Pais ou Professores uma palavra que lhe dê essa possibilidade. O Ensino Religioso, no Colégio, visa isto: pôr-nos em contato com a fonte de onde jorram para nós a paz de coração, o meio de encontrar em Deus uma resposta para nossas

angústias e perguntas mais fundas, a angústia e os sonhos de nosso coração, o valor e o sentido da vida.

Um moço de bom coração vê que o mundo não deve ser injusto assim, uns na pobreza, uns no luxo, uns morrendo de fome, outros jogando comida fora, “não gosto...” Se vou à missa, ouço a palavra de Deus, que diz que somos irmãos, nos chama a sermos felizes e responsáveis pelo mundo, por nossa vida e pela vida dos outros. Se me instruo, posso reconhecer quando ajo mal, por injustiça, violência, preconceito, mentira, uso desrespeitoso de meu próprio corpo, uso irresponsável do sexo, drogas, bebedeiras, opções políticas extremadas ou omissão. Meu drama é quando o Aluno desiste de tudo, porque a aula é chata...

Pe. Lauro Palú, C. M.

1º Semestre

ADILSON FERRAZ BEZERRA • ALINE ÁVILA NASCIMENTO DA SILVA • ANDRÉA GOMES DA SILVA • ANTÔNIA GOMES DE ABREU • ANTÔNIO NOGUEIRA DA SILVA • INÁCIA NAZI LOPES DE QUEIROZ • ISMAEL PEREIRA DE BRITO • JANAÍNA EVANGELISTA RIBEIRO DE OLIVEIRA • JOÃO PAULO SILVA ARAÚJO • JOSÉ MÁRCIO DA SILVA • JOSÉ NIVALDO DE AGUIAR • JOSENILDO BATISTA DE OLIVEIRA • LIETE CARLOS DOS SANTOS • LÚCIA HELENA CABRAL MOÇO • MARIA DAS GRAÇA DE LIMA SILVA • QUEILA GONÇALVES



2º Semestre

CAROLINE SOARESTIMBÓ • CLÁUDIO COSTA SILVA • COSMA MARIA DOS SANTOS • GUILHERME SANTOS DA SILVA FERREIRA • IRACEMA ALVES • JOSEFA DA SILVA GOMES • LUZINALDA DE SÁ FERREIRA • MARIA APARECIDA FONTENELE RIBEIRO • MARIA VALDENE NASCIMENTO DOS SANTOS • OHANA RAMOS DA SILVA • VERLÂNIA BARCELOS CORRÊA



Os bons frutos da EJA, duas vezes por ano!

A Educação de Jovens e Adultos do CSVP tem uma peculiaridade em relação ao Curso Regular que nos traz muita alegria. Há dois momentos de Formatura no ano, uma vez que há sempre uma Turma que se forma a cada semestre letivo. A Celebração deste meio de ano foi, de muitas maneiras, especial: marcou a despedida de alguns Professores que estavam conosco há muitos anos (Laerte Guerra, João Coutinho e Rosiara Cavalcanti), foi intensamente vivida (com direito a viagens e churrascos) e deixou muitas saudades. A festa do próximo dia 18 de dezembro certamente também será um momento de muita emoção para todos nós, uma vez que muitos dos Formandos estudam aqui desde o início - ou reinício, melhor dizendo - de sua escolarização. Parabéns a todos!

Hécio Alvim, Coordenador Pedagógico da EJA



3º A

ANA CAROLINA BOLSHAW GUIMARÃES • ANA PAULA PELLEGRINO • BRENO CÉSAR DE OLIVEIRA GÓES • CAMILA OLIVEIRA DE ARRAES ALENCAR • CAMILLA MONTEIRO DA SILVA MAROTTI • CAROLINA BITTENCOURT DE ALBUQUERQUE E SOUZA • CLARICE CUNHA MIGUEL • DANIEL FERREIRA WAINER • DANILO CASTRO MAGALHÃES • DANILO TENENBAUM ANDRADE OLIVEIRA • DÉBORA SARAIVA SAAD • DIANA FERRAZ NAKANO • DIANA SOUTO CASSEL • EDUARDA MAGALHÃES MAGLUTA • EDUARDA MARTINS DELCOURT • FELIPE GARZON SUT • FELIPE LISBOA MOLICA • FERNANDO LUIZ PEREIRA CORDEIRO • GABRIEL RODRIGUES PEREIRA GRAVINA DE OLIVEIRA • GIULIA FERRARESE • IAN ESTEVES DO NASCIMENTO • ILAN NAIDIN DO VALE • ISABEL LIMA DE ALMEIDA • JOÃO DUARTE TANURI • JULIANA HAUAJI LIMA MACHADO • JULIANO LEPORAGE LESSA • KARLA REGINA TELES ANDRADE COUTINHO • LUIS EDUARDO YAMAGATA • LUÍSA VALENÇA REIS • LUIZA YUMIDIAS WADA • MARCOS PUCCIONI DE OLIVEIRA LYRA • MARIANA LEITE MORAES DA COSTA • MARIANA LINHARES DE CARVALHO • MARINA DE OLIVEIRA CAVALCANTI • PABLO LAMBELET DE ARRUDA • PAULO AFFONSO GALEÃO FILHO • PEDRO LIGÉRIO RIBEIRO LOPES DOMINGUES • RAFAELA LUGON LUCCHESIRAMACCIOTTI • YASMIN WAKIMOTO SCHEUFLER

Rio de Janeiro, 5 de junho de 2008.

Prezados Alunos e Alunas do 6º ano que foram ao Caraça,

Talvez algum de vocês teve a sorte de ver e fotografar os esquilos nos coqueiros e no muro do jardim do Caraça, durante os três dias que passamos lá. Pois, depois da volta do segundo grupo, no final de maio, além de ver os bichinhos, tive o capricho do coletar, debaixo dos coqueiros, os coquinhos que eles tinham roído, para comer a polpa.

Os principiantes e inexperientes roem o coquinho em várias direções, fazem um buraco mais ou menos redondo, gastam mais tempo e nem sempre conseguem comer as duas partes da castanhazinha. Com o tempo, se não morrerem cedo, comidos por algum gavião, todos eles acabam aprendendo a fazer apenas três cortes, um triângulo, pelo qual tiram as duas partes da castanha. Reparem que quando já sabem, começam sempre por um dos três buracos do coquinho, aquele que indica em que direção está a castanhazinha...

Catei, para cada um de vocês, os dois tipos de coquinho, para verem a trabalhadeira, a habilidade, a força dos dentes dos esquilos, e, sobretudo, para verem como é importante (e como funciona!) o aprendizado. Você vai ser um esquilo experiente, se aproveitar tudo o que seu Pai, sua Mãe, seus Professores e suas Professoras e a própria vida lhe ensinarem. Guarde isso como lembrança de nossa excursão, que foi tão bacana. Céu azul como aquele, sol bom como aquele, só mesmo quem merece! Vocês não viram o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), mas viram a jaritataca (*Conepatus semistriatus*), que é muito mais rara! Não podem reclamar, porque não foi um prêmio de consolação, foi prêmio de primeiro lugar, de campeão.

Alguns dos turistas que estavam no Caraça ficaram muito bem impressionados com vocês, acharam vocês comportados, respeitosos e compenetrados, conscientes de

que estavam num lugar especial, com gente muito especial ajudando vocês. Parabéns! (Em abril não, mas em maio tive de pedir silêncio a vocês mais de uma vez)... E agradeço por terem escutado com atenção os milhares de explicações que dei nos três dias.

Um abraço amigo e carinhoso para você e os Seus.

Pe. Lauro Palú, C. M.



mento de ensino é uma pessoa extremamente sensível, que busca mostrar as riquezas e valores da vida espiritual e cristã. Não é necessário para isso o uso de recursos financeiros e nem de palavras rebuscadas; basta apenas um “olhar” diferenciado, uma atitude nobre com total simplicidade: os coquinhos do Caraça.

Não tenho a pretensão de avaliá-lo, mas apenas relato o que sinto com total sinceridade. Todos nós precisamos nos tornar mais humanos. Acredito que a frase adequada para o momento em que o mundo se encontra é “Necessidade de Humanizar” e esta atitude do senhor, em especial, mostra isso. Atitude de sabedoria.

Agora, além do sabonete do Caraça que Clarisse guardou de recordação, tem também os coquinhos e a “aula” escrita de como os esquilos fizeram os furi-nhos. Nós ficamos um tempo razoável analisando-os.

Muito obrigada. Dirigir colégios muitos fazem, mas com dedicação, sensibilidade e tamanho carinho só alguns conseguem. O senhor é um destes.

Um abraço.

Solange Magalhães

Prezado Pe. Lauro, dirijo-me ao senhor para relatar um acontecimento que, como mãe e ser humano, me deixou atemorizada e estupefata. No dia 6 de outubro, às 17h30, na saída do Colégio, meu filho, aluno do 7º ano, foi

3º B

ANA BEATRIZ CAVALCANTI CASTOR • ANTONIA MUNIZ MARTINS • ANTONIO SOARES DE OLIVEIRA FILHO • CAMILA OURIQUE DA CRUZ ALMEIDA • CARLOS FELIPE ESPÍUCA MONTEIRO • FÁBIO TEIXEIRA OLIVEIRA DE MENEZES • FERNANDA DO RÉGO MONTEIRO • GABRIEL SIMÕES E SENNA • GIULIA FORTES SCAPPINI • GUILHERME DE PAULA ROMA • GUILHERME DE SÁ PAVARINI RAJ • GUILHERME TRINDADE MARTINS MOREIRA DA SILVA • GUSTAVO GRAÇA GOMES • HENRIQUE DE ALMEIDA CAPPER • IGOR CALS CAPUCHI MACHADO • ISADORA PEREIRA DA SILVA MELLO • JOÃO ALBERTO MARQUES VASQUES • JOÃO GIL MOREIRA SANTANA ALVES • LAURA BARCELLOS MACHADO • LETÍCIA LISBOA GUIMARÃES • LUAN BRUM DE ABREU E LIMA • LUCAS DOS REIS MONTENEGRO • LUCAS GOMES DE ALMEIDA • LUIZ EDUARDO NOVIS DE FARIAS • MAÍRA MIRANDA FATORELLI • MARCELLA DE ALBUQUERQUE MARANHÃO SOTTO MAIOR • MARCELO FONTENELLE PEREIRA MATOS • MARIAH MIZUTANI D'AVILA • MARIANA BOTAFOGO MATHIAS • MARINA DE ALMEIDA FERREIRA • NICOLE MUNK • PEDRO ARMANDO CASTELAR PINHEIRO • PEDRO ATTUORI PEIXOTO • PEDRO BENASSI KIKOLER • RAFAEL FONSECA TENORIO • RICARDO AFONSO DE MELO ABREU • THIAGO NEME SILVA • TIAGO DANIELS • TOMAZ LUCAS SANTOS LEAL



3º C

ALINE QUARTI CRUZ CAVALCANTI DE ALMEIDA • ANTONIO MAGALHÃES DE OLIVEIRA NERI • BEATRIZ DE SOUZA LEVINHO • BEATRIZ TATI NÓBREGA • BRUNO LOURENÇO BARBOSA • BRUNO MIBIELLI CARDOSO DA SILVA • CAMILLA DUTRA COIMBRA BUENO • CLARA MARTINS FONTES • CRISTIANO LINO LABRUNIE • FELIPE AMÂNCIO MALHÃO • FELIPE MIRANDA ALBO ABRANTES • FELIPE SANSON ARÉAS • FERNANDA DO VALLE GREPPE • FRANCISCO EDUARDO COLLIER DO RÉGO BARROS • FREDERICO DE PAIVA MEDEIROS • GABRIEL DE MENEZES NUNES PEREIRA • GUSTAVO PALHEIRO MENDES DE ALMEIDA • HUGO JAPIASSÚ SANTOS FONSECA • IAN CALS CAPUCHI MACHADO • ISABEL DIAS DRUMOND ALEGRIA • ISADORA SOARES DE ARAUJO BARROS • JOAQUIM PEDRO STRUNCK DA SILVA PINTO • JORGE LUIZ COSTA DA FONSECA JUNIOR • JULIA DE NIEMEYER CALDAS • LUCAS RODRIGUES DE MORAES TOSTES • LUÍSA DA CUNHA TEIXEIRA • MANUEL DE FIGUEIREDO MEYER • MANUELA PORTO DE ALMEIDA MAGALHÃES • MARCELO CARNEIRO RUAS • MATEUS CACIQUE DE GÓES • NICOLAS ZAK KUDRINA • NICOLE XAVIER MEIRELES • PAULA SELLING DE OLIVEIRA MACHADO • RAFAEL BRANDÃO VENTURINI DE FREITAS • RODRIGO FONTENELLE PEREIRA MATOS • TATIANA RIBEIRO DE CASTRO • TIAGO DE CASTRO COSTA • TIAGO PUCHEU BONOMO • VICTOR VIDIGAL PRATES • PAULO VASCONI SPERONI • LUISA MARIA PEREIRA LEMBO • MAINÁ ARAÚJO DE PAIVA E SOUZA



assaltado na esquina da rua Alegrete, a poucos passos da porta da escola. Arrastado por dois jovens, na frente de várias pessoas, que, assistindo a tudo, nada fizeram, foi levado para dentro da rua sem saída, encostado na parede e ameaçado.

De concreto, ou de lucro, levaram um celular modelo simples, pois, como somos contra qualquer tipo de ostentação e exibição pública, não presentearmos Filho e demais parentes com excessos, e R\$ 2,00 em moedas. Além do susto, meu filho ainda escutou desaforos por ter objeto e valor tão "porcarias".

Faço este relato após horas de reflexão. Sei que a situação da violência é uma realidade de difícil contenção até mesmo para os profissionais da segurança e os peritos no tema, mas não posso ficar de braços cruzados e omissa quando vejo que crianças e adolescentes estão sofrendo uma violência muito maior do que a perda de seus circunstanciais bens materiais. Estão sendo agredidos na sua integridade, na sua confiança, na sua alegria. E por nada. Parcos reais, celulares que se compram hoje por qualquer ninharia, Ipods? Não acredito ser esse o motivo real dessas abordagens.

O que assistimos hoje é a raiva contida, a revolta, o limite ultrapassado, a necessidade de ferir, intimidar, humilhar. Como um "olho por olho, dente por dente", defendido por Hamurabi. Algo que num primeiro momento nos parece apenas mais um furto como tantos que conhecemos, mas que, a meu ver, é um sinal, um alerta de que precisamos agir já.

Divido esse acontecimento e essas impressões pessoais com o intuito de sensibilizar a comunidade vicentina e convidá-la a pensar em conjunto uma forma de minimizar ou breçar os ataques que vários estudantes (em grande parte do Ensino Fundamental e, portanto, física e psicologicamente mais despreparados ainda para enfrentá-los) sofrem hoje no caminho de casa para o Colégio e vice-versa.

Acredito que seria muito positivo unir as instituições de ensino do bairro - públicas e privadas -, incluindo escolas de idiomas e academias para fazermos um manifesto que cobre da segurança pública mais atenção às nossas crianças.

Que cobre segurança, por redundante que seja.

Outra tarefa conjunta que pode ser muito positiva e em longo prazo bem mais efetiva do que a contenção temporária é entendermos, com a ajuda desses profissionais, o perfil dos infratores locais. Isso nos ajudaria a montar um efetivo projeto de intervenção social que estimulasse e suscitasse nos jovens infratores um desejo de olhar para si e para o outro com olhos menos secos. É minha esperança, como mãe e cristã.

Fica o convite e o agradecimento pelo espaço de desabafo. Um abraço cordial,

Cláudia Porto

D. Cláudia, sua análise é exata e importante. Toda a matéria de capa desta revista desenvolve esta idéia: é aproximando as classes que conseguiremos mais segurança e paz, justiça e inclusão. Obrigado por sua parceria.

Pe. Lauro Palú, C. M., diretor
17 de outubro de 2008

A alma da casa

A casa é cheia de cores. Tem vermelho sangue na entrada, tem amarelo, lilás e verde nas paredes. A casa tem cachorro e passarinho. O cheiro do bolo quente vindo do forno da Cida faz lambem os beiços e aquece o coração.

Tem espaço para andar de velocidade, tem a cadeira de balanço da vovó, e lugar reservado para quem quer namorar. Tem chão de madeira para o pé descalço pisar. Tem a ternura do Pai e as brincadeiras do Avô.

A casa tem mesa grande para o almoço com os amigos aos sábados. O verde lá de fora entra pela janela. A música toca. A criança ri e dança. A Mãe dança com a criança. A música pára. Para ouvirmos o som que vem da alma da casa.

Isabel Fortes,
mãe da Clara (T. 705)
e da Catarina (T. 301)

Querida Mãe, parabéns pela sua Casa, pelas suas Filhas, pela sua Família, pelas sombras, pelo silêncio, pelos cheiros bons da Casa, pela sua

descrição palpável do ambiente bonito que Deus lhe dá a graça de criar em casa todos os dias. Claro que vai sair na nossa Revista! Um abraço de todos os seus leitores futuros. E o meu, com muita emoção e alegria de ter tido uma Casa assim e uma Mãe assim.

Pe. Lauro Palú, C. M.,
1º de outubro de 2008

Caro Padre Lauro, após ver algumas imagens tristes sobre os pobres na internet e nas ruas, o estado precário deles, fiquei muito incomodado e sinto que não posso ficar quieto diante do que está acontecendo com o mundo hoje em dia. Após pensar em alguma maneira de ajudar os pobres, vi que poderíamos, no CSVP, talvez criar um projeto onde cada turma poderia doar um brinquedo, uma roupa, um livro entre outros. Espero atentamente a resposta do senhor. Um abraço.

Rodrigo Peixoto de Souza Almeida

Querido Rodrigo, dou graças a Deus por seu bom coração e por sua vontade de ajudar os Pobres. É uma preocupação que temos, o tempo todo, no São Vicente, pois queremos ajudar vocês a preparar-se para mudar o mundo, não deixar acontecer tanta coisa ruim com os Pobres e os que sofrem as conseqüências do modo como o mundo está (des)organizado.

Você sugeriu uma campanha para arrecadar brinquedos, roupas e livros. Tenho o gosto de dizer que tudo isso já está em marcha, graças a Deus e à iniciativa dos nossos Grêmios e dos projetos sociais do Colégio.

No Domingão Vicentino, dia 19 de outubro, para o qual você fica especialmente convidado, virão ao Colégio muitíssimas Crianças de várias comunidades e receberão as coisas que você mencionou, além de passarem uma manhã conosco, usando os laboratórios de Informática, as quadras, o Parquinho, etc.

Pe. Lauro Palú, C. M.,
5 de outubro de 2008

Livro

Sobre o Islã

O livro **Sobre o Islã**, do jornalista e sociólogo Ali Kamel, é uma espécie de esclarecimento sobre a religião dos muçulmanos. Desde o atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, o islamismo passou a ser identificado como a religião dos terroristas. O autor explica que existem muitos pontos comuns entre judeus, cristãos e islâmicos e que o terrorismo tem uma origem que não se funda na religião.

A história pessoal de Ali Kamel – filho de um sírio muçulmano e de uma baiana católica, casado com uma judia – ajuda a compreender a tranqüilidade com que passeia por estas três religiões monoteístas, sempre buscando traços de identificação entre elas. Além disso, aborda a divisão existente no Islã entre sunitas e xiitas, propõe algumas perguntas em relação aos ataques terroristas praticados por fundamentalistas e aborda a guerra do Iraque e o papel dos norte-americanos nela.

O livro também cita trechos dos textos sagrados, comparando suas mensagens para, no fim, mostrar que são fundamentalmente as mesmas: um chamado à paz. Para quem acredita que a construção da paz passa pelo reconhecimento da legitimidade das diversas religiões, **Sobre o Islã** é uma obra fundamental.

Giselle Oliveira

Professora de Religião do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental



Filme

À procura da felicidade

Um homem obstinado luta para sobreviver e sustentar seu filho mesmo sob as mais árduas circunstâncias, sem que isso o faça ignorar os principais valores nem perder as esperanças. Gardner encontra-se nas mais desesperadas situações, chegando a dormir em abrigos. Nessa jornada angustiante, ainda é abandonado pela mulher, tendo que criar o filho sozinho. Mas nada disso o impede de passar valiosas lições para seu filho, que deposita total confiança no pai.

Em uma determinada cena do filme, quando Gardner joga basquete com seu filho, uma lição de vida que é passada me chamou a atenção. O próprio pai fala para o filho desistir do sonho de ser um campeão algum dia e, ao perceber o desânimo do garoto, lhe dá uma bronca, explicando que ele não deve jamais deixar outros - inclusive sue próprio pai - dizer que ele não é capaz de algo.

Indico esse filme porque ele nos ensina que nada pode atrapalhar a realização de um sonho. Temos que proteger nossos sonhos sempre! Cabe a cada um de nós lutar pelo que quer.

Sheila Ribeiro da Silva

Inspetora do 2º ano ao 5º ano do Ensino Fundamental



Teatro

A noviça rebelde

A Noviça Rebelde conta a história de uma noviça que era pobre e que sabia cantar. E teve que ser babá de sete crianças. O pai dessas crianças é um capitão da Marinha muito rígido. Então, as crianças eram bem educadas. Nomes das crianças: Liesl (16 anos), Friedrich (15 anos), Louisa (13 anos), Kurt (12 anos), Brigitta (11 anos), Marta (9 anos) e Gretl (5 anos). O capitão, que sempre viajava, deixava as crianças em casa com uma babá. Os filhos do Capitão se livravam das babás só para seu pai voltar. Mas Maria, a noviça que virou babá, começou a cuidar delas. E as crianças, que eram de uma família rica e egoísta com os Pobres, aprenderam a cantar. Os filhos do Capitão gostaram tanto da noviça que...é preciso ir ao teatro pra saber!

A peça é um musical. Tem orquestra, os atores cantam muito bem, as crianças são crianças mesmo na peça, o cenário é muito legal. Às vezes, aparece uma projeção na tela. Eu gostei muito do ator, porque ele tinha uma voz muito grossa e parecia estar mesmo zangado, e canta também com uma voz grave.

Francisco Samuel

T. 401



Natal de 2008

Como foi o primeiro Natal? Como foi quando Jesus nasceu?

Antes de ele nascer, antes de Nossa Senhora dar à luz o Menino Jesus, ela foi visitar sua prima Santa Isabel. O Anjo Gabriel tinha dito a Nossa Senhora que Deus a escolhera para ser a Mãe de Jesus. E, como prova do que estava dizendo, o Anjo contou que Santa Isabel, apesar de já bastante idosa, ia ser Mãe de um menino, que seria mais tarde chamado João, São João, São João Batista, porque ele trabalhava, nas margens do rio Jordão, batizando o povo que desejava fazer penitência dos seus malfeitos, e foi ele mesmo quem batizou Jesus Cristo.

Então, para Nossa Senhora, o primeiro Natal foi o de São João, que nasceu seis meses antes do menino Jesus.

Quando Nossa Senhora chegou à casa de Isabel, foi aquela correia, aquela gritaria da prima feliz, das primas felizes. Santa Isabel dizia: De onde me vem esta graça de receber na minha casa a Mãe de Deus? E Nossa Senhora respondia: O Deus todo poderoso fez em mim maravilhas e seu nome é santo!

Ficou na casa de Santa Isabel três meses, até o Joãozinho nascer. E o que ela fazia? No começo, conversavam muito, que tinham tanto assunto. Depois, parece que rezavam mais e conversavam mais com Deus, uma pensando no que ia ser a vida do Filho dela, a outra pensando no que ia ser a vida do Filho dela. Quando São João nasceu, o trabalho de Nossa Senhora não era ficar rezando nem só abençoando as pessoas, mas era fazer o caldo de galinha, esquentar o leite na panelinha, lavar as fraldas do Joãozinho, que naquele tempo não eram descartáveis. Aí, fico imaginando Nossa Senhora pondo aqueles panos brancos no arame, um ao lado do outro e, antes de erguer o varal, prendendo com algum grampo para não caírem com o vento. E como sei que havia vento?

Ali, o que mais havia era vento. E o vento agitava aqueles paninhos, que eram como bandeiras da paz, que as mães estendiam cantando nos varais. O que falta no mundo é isso: Mães cantando e estendendo nos varais os paninhos dos seus Filhos e o vento agitando aqueles panos como bandeiras da paz.

É a impressão que tenho de como foi o primeiro Natal, ainda antes de Jesus Cristo nascer, quando nasceu o primo dele. E como foi depois que Jesus nasceu? Quem varria a casa, quem lavava os pratos, quem cuidava das galinhas, quem fazia os bolinhos para as vizinhas que vinham visitar Nossa Senhora, isso o Evangelho não diz, mas fico imaginando, lembrando como minha Mãe fazia quando nascia o filho de alguma vizinha e a gente ia lá ver como era a criança nova.

Gente boa do Colégio São Vicente, gente boa ligada ao Colégio São Vicente, um feliz Natal, com muito vento e muitas bandeiras de paz na vida de vocês, de coração lhes desejo.

Pe. Lauro Palú, C. M.

